

ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR

HISTÓRIAS PARA LER E
MORRER DE MEDO

CONTOS E POEMAS
DE TERROR
VOL. VIII

ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

Copyright © por Autores
Projeto editorial por Ademir Pascale
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos
autores
Obra protegida por direitos autorais
Este e-book é parte integrante
da Revista Conexão Literatura
ISBN: 978-65-00-53552-5
2022
Patrocínio:
www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO CONTO OU POEMA

Uma voz no escuro, por Guilherme Pech, pág. 05
Eu estou aqui embaixo, por Guilherme Pech, pág. 08
Os olhos na rachadura, por Guilherme Pech, pág. 12
O mistério Almeida, por JC. Vooliver, pág. 15
Alucinação, por José Ribeiro da Silva Filho, pág. 21
Recordações de um passeio noturno, por José Ribeiro da Silva Filho, pág. 23
Farpas, por Luiz F. Haiml, pág. 26
Crianças, por Mauro M. Massuda, pág. 29
A pele, por Ney Alencar, pág. 35
A curiosa condição de Luís Figo, por Ramon Silva, pág. 49
A Dama do Nevoeiro, por Roberto Schima, pág. 55
Um amor sombrio, por Ronilson Lopes, pág. 63
Mundos paralelos, por Sellma Luanny, pág. 66
Filme de terror, por Sellma Luanny, pág. 69
Cuidado!, por Sellma Luanny, pág. 71
Troféu Carmim, por Wanda Rop, pág. 73
Tecnologia, corpos, consciência e almas, por William F. Eugênio, pág. 75
Conheça outros títulos da coleção, pág. 81

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD

**HISTÓRIAS PARA LER
E MORRER DE MEDO
VOL. VIII**

APRESENTAMOS O
CONTO

UMA VOZ NO ESCURO

POR GUILHERME PECH

GUILHERME PECH É JORNALISTA, ESCRITOR E DESIGNER. RESIDE EM ESTEIO, RIO GRANDE DO SUL. É PÓS-GRADUANDO EM PRODUÇÃO EDITORIAL. SUA PREFERÊNCIA LITERÁRIA SEMPRE FOI (LER E ESCREVER) NARRATIVAS DE TERROR E SUSPENSE.

O menino de pijama escondeu a cabeça debaixo do travesseiro. Na escuridão de seu quarto, abriu apenas um olho, erguendo uma ponta de sua fronha para espiar. Tentou não fazer barulho, para ver se ouviria de novo. Não sabia que horas eram, mas sabia que não fazia muito desde que sua mãe desligou o abajur. Um relâmpago iluminou o quarto numa piscada. Os brinquedos observavam, tensos, da prateleira. Um ursinho se jogou. O menino fechou o olho. Instantes depois, abriu-o novamente, tremendo ao espiar. Repetiu o processo mais uma vez. Foi na quarta que viu dois pontos brilhando no escuro, perto do espelho diante da cama.

— Olá, Frederico — disse uma voz suave e enigmática — Eu moro aqui, nas sombras.

Frederico respirou fundo e se ergueu, deixando a curiosidade falar mais alto.

— Quem... quem está aí?

— Um novo amigo.

— Hum... Achei que só tinha amigos na escola. E por que está aí?

— Me trouxeram para cá. Tenho te observado dormir, Frederico.

— Puxa. E como é aí onde você mora? É legal?

Houve uma pausa que parecia um cochicho.

— Qualquer noite te levarei para conhecer como é.

— Ah... Minha mãe diz que eu sou tipo meu pai. Quero tudo pra ontem.

A voz de Frederico pairou no ar e morreu no escuro do quarto. Ficou sentadinho na cama, esperando uma resposta. Lá fora, a chuva recomeçou.

— Sabia que a mamãe falou que eu vou ganhar um irmão?

Silêncio e breu.

— Sim, sabia. Por falar nisso, sabia que sua irmãzinha está morando comigo? Sabia, Frederico? Quer vê-la?

Frederico lembrou-se da última vez que viu sua irmãzinha. Era um dia quente, abafado, e ela estava pálida, muito pálida, e sua pele fria parecia um chão encerado, frágil, prestes a afundar-se e a desmanchar-se sobre si mesmo. Frederico quase botou o lanche daquela manhã para fora quando começou o cheiro. Foi nesse momento que ele não estava se divertindo e pediu para ir embora depressa.

— Ela está comigo, Frederico. E está com saudade. Foi abandonada. Vocês a deixaram... lá.

Frederico sentiu um calafrio e se encolheu nas cobertas.

— Nem conheço você!

— Ainda não, mas creio que isso será logo. Promessa. Me chamam de *Ramon*.

— Vou chamar minha mãe.

Uma voz fina e aguda ecoou de algum lugar do quarto.

O silêncio.

— Fred! Sou eu, sua irmã... Por favor, não me esqueça, Fred. Sinto falta da mamãe...

Frederico estava prestes a molhar os lençóis.

— Aqui é... bem úmido. Queria estar em cobertas quentinhas como você, Fred.

Lá fora, gotas de chuva iam engrossando e salpicando o telhado.

— Fred, ligue a luz para me ver. Ligue a luz.

O coraçãozinho de Fred acelerou. Era possível ver quatro pontos piscando no escuro do quarto, em direções diferentes. Duas delas, há alguns metros de si. Torcia para que não houvesse outro relâmpago.

— Ligue a luz, Fred. Ligue. Ligue rápido. LIGUE A LUZ. LIGUE. LIGUE. LI...

A luz acendeu.

Fred enfiou-se de vez debaixo do travesseiro.

— Frederico? Por que está chorando, menino?

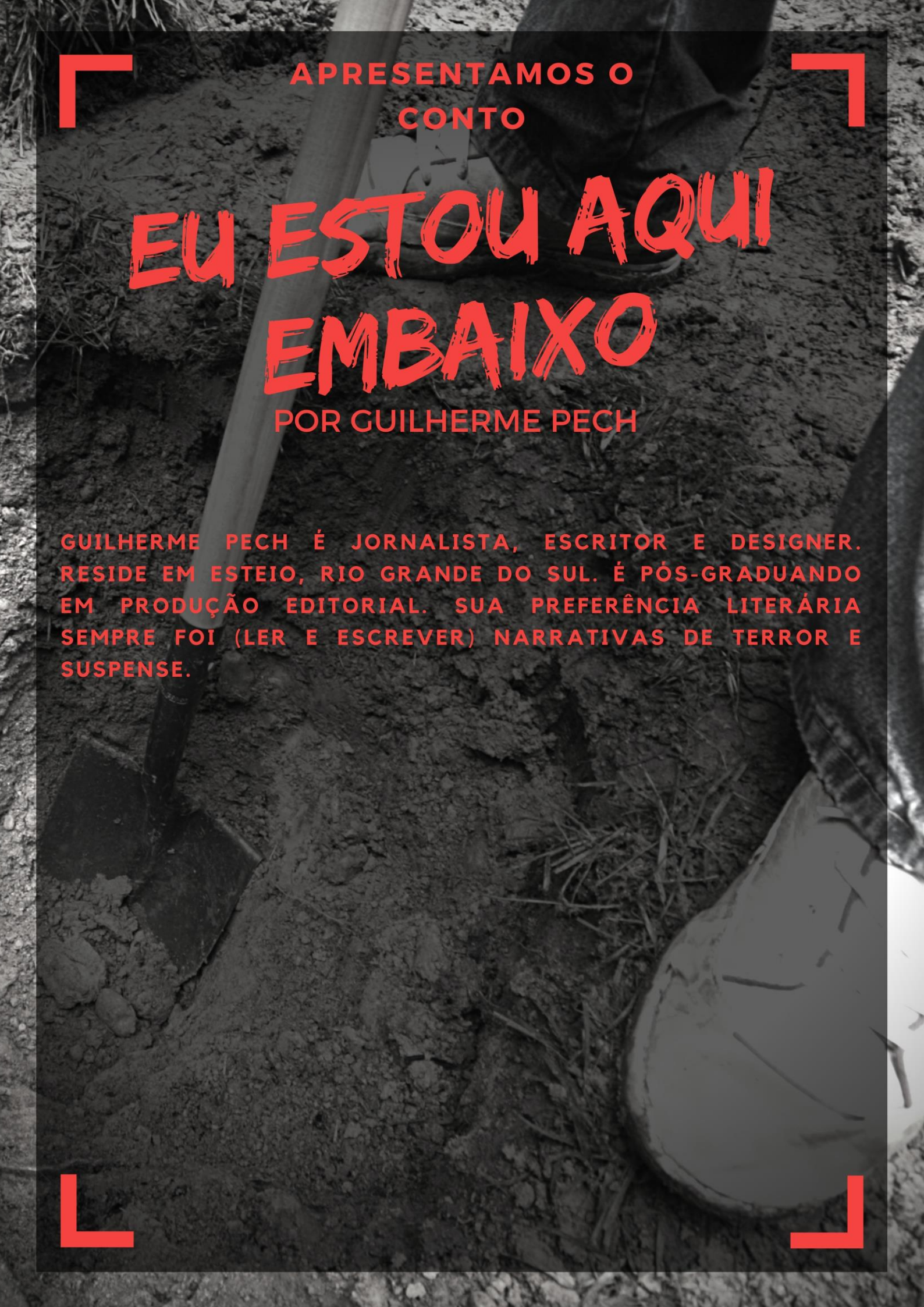
A mãe respirava com dificuldade, acariciando a barriga saliente.

— Ele está chutando muito hoje. Mais que o normal. Acho que vai ser logo.

Quatro noites depois daquela, a mãe de Frederico entrou em trabalho de parto. Treze horas após, nasceu a criança. Consumida, balbuciou um último recado.

— *Ramon...!* Ele se chama *Ramon*...





APRESENTAMOS O
CONTO

EU ESTOU AQUI EMBAIXO

POR GUILHERME PECH

GUILHERME PECH É JORNALISTA, ESCRITOR E DESIGNER. RESIDE EM ESTEIO, RIO GRANDE DO SUL. É PÓS-GRADUANDO EM PRODUÇÃO EDITORIAL. SUA PREFERÊNCIA LITERÁRIA SEMPRE FOI (LER E ESCREVER) NARRATIVAS DE TERROR E SUSPENSE.

De pé, com punhados de terra salpicando a madeira. Um som surdo e mudo a cada nova salpicada.

O rapaz tinha a testa suada já às 8h da manhã. A certa altura, levou o cotovelo ao nariz e à boca, para impedir o cheiro que o calor provocava, mas acabou encardindo o rosto com a terra. E o cheiro não foi impedido.

Fincou a pá no chão; gotas de suor vertiam do uniforme cinza com o movimento.

Quando terminou o trabalho, Dorival tentou não pensar que haveria pelo menos mais dezenove buracos para tapar ao longo do exaustivo dia de verão — ou selar portais, como a sua fantasia mórbida tinha decorado aquele ato que as pessoas consideravam imundo — mas alguém precisa fazer o trabalho sujo, não é assim?!

Dorival meteu um cigarro entre aqueles lábios finos — lábios de quem não teve muito tempo de infância para usar chupeta — e procurou se acalmar sem respirar fundo.

A atividade de tapar o buraco dos outros não era lá de tamanha estranheza. Na verdade, já era algo tão comum e corriqueiro que se tornara banal, mesmo com apenas duas semanas de trabalho no Campo Santo. Assim pensava ele, ao menos.

O fato é que Dorival não era velho, mas também já não era mais um garoto virgem. O mundo já o havia penetrado o suficiente para lembrar-lhe que nasceu para tapar buracos tanto dos vivos como dos mortos. Dorival preferia pensar de uma maneira menos tétrica: ele era o selador dos portais. Fechava o mundo da vida para entregar os outros ao mundo dos mortos, ao ventre final — para um território silencioso, desconhecido, muito mais profundo que meros sete palmos.

Mas, às vezes, disso ele também já tinha sido avisado, algumas irregularidades poderiam ocorrer por ali. Nem sempre o território do descanso eterno era silencioso. Nem sempre quem tivesse o seu portal selado necessariamente deveria estar morto. Dorival desenvolveu um ouvido aguçado para isso — para os lamúrios abafados de quem tivesse sido enterrado por engano. Isso era essencial para a profissão, comentavam os colegas.

O subsolo detinha sons misteriosos que só os seus habitantes conheciam — e aí entram as suposições que Dorival escutava dos colegas veteranos, incluindo, até mesmo, de simples transeuntes que carregavam flores e velas. Rumores dos ruídos produzidos nas profundezas, às escuras, por seres que viviam entre os dois mundos do portal. Nos primeiros três dias, Dorival teve alguns pesadelos, sempre carregados de sombras irreveláveis, gavetas escancaradas e invertebrados anônimos que delas saíam.

Nesse ambiente, Dorival reparou em alguns detalhes. Era provável ver mais caveiras encardidas sorrindo do que pessoas encarnadas o encarando com seriedade. Sendo assim, ele mantinha escondido o rosto sob o boné.

No final daquele dia veranescos, quando não havia mais luzes no céu mas também os postes da noite ainda não haviam acendido, o selador de portais recolhia alguns entulhos com um carrinho de mão quando passou perto de um túmulo que aparentava ser recente, mas que não fora ele quem o construía. Dorival não teria reparado no sepulcro não fosse pelo barulho surdo de algo sendo arranhado.

Ele estacionou o carrinho de mão onde estava e foi até o local. Um pássaro voou de trás da sepultura, provocando uma leve sensação de arrepio e de idiotice na cabeça de Dorival. Não havia nenhuma inscrição na lápide: nem datas, nem nome. Uma obra recente, cogitou.

Então, parou.

Aproximou as orelhas enormes perto da laje fria. Trancou a respiração por uns segundos, para ouvir melhor. Colocou a audição aguçada para trabalhar. E ouviu um ruído baixo. Era o mesmo som. À medida que se aproximava, Dorival escutava melhor. E o som — um ruído que poderia ser provocado por unhas em um esquite — se tornava mais encorpado, e, ao mesmo tempo que parecia tão distante, parecia tão próximo. A curiosidade se transformou em uma pontada de horror quando começou a ouvir a voz abafada que aparentava clamar por socorro.

Dorival correu até conseguir um copo para encostar na laje da sepultura junto ao ouvido. Era quase nítido o barulho terrível que a voz emitia — um clamor engasgado e desesperado, vindo do interior do sepulcro. E logo, junto do som, vieram as batidas, batidas em uma superfície dura, amadeirada, tomada pelo pior terror de todos os tempos da psique humana, o pesadelo de quando o descanso eterno se torna uma falácia de mau gosto, a promessa de um tolo.

Dorival não quis pensar duas vezes.

Segurando uma pá pelo cabo, começou a bater no mármore bege que cobria a carneira. Fincou a lâmina da pá no rejunte de cimento, apoiando o pé para reforçar o peso. A voz agora parecia mais nítida, mais próxima. Como se suplicasse. *Rápido! Rápido! Socorro! O ar está acabando! Me tirem daqui! É horrível aqui embaixo!*

Dorival sabia que isso podia acontecer, mas não se julgava capaz de que estivesse preparado assim, em tão pouco tempo de trabalho. Abriu o tampo. Empurrou-o para o lado. Com a pá, começou a retirar a terra de dentro do pequeno espaço.

A voz se tornava mais próxima, mais engasgada, mais sufocada. Como se entrasse terra pela garganta afundo. Dorival triplicou sua agilidade com mais desespero. Tinha pouco tempo para reabrir o portal do seio da terra. Depois que ele se fechasse, não haveria volta. E este era o dom dele, sua forma de contribuição para o mundo: dominar os portais.

O caixão era mais fundo do que parecia, e o tom de voz que chegava aos seus ouvidos era mais desesperador. Enfim, a pá bateu em uma superfície dura.

— Aqui! Vou abrir, amigo, aguarde mais uns segundos! Isso, mais uns segundos!

— O que você está fazendo, seu maluco imbecil? — perguntou uma voz vinda do lado de fora da tumba.

Dorival não deu ouvidos e com esforço total de seus braços retirou o caixão de dentro do sepulcro. A voz havia cessado. Virou-se rápido para o colega há alguns metros de si.

— Aconteceu com esse aqui! Ele está vivo! Vivo, caramba! *Enterrado vivo!*

Sua fisionomia começou a mudar quando percebeu que o colega havia puxado a gola do uniforme até o nariz e virado a cara para o lado.

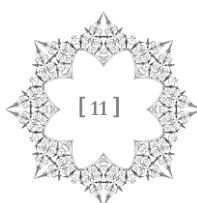
A seus pés, estava um caixão aberto, com um habitante parcialmente encarnado — o maxilar pendia para o lado, desprendido do restante do crânio, e no tampo do esquife, marcas de unhas.

— Esse já foi há um ano e meio... — disse o colega — lamentável, não acha?

Dorival estava com os olhos paralisados.

O outro agente bateu em seu ombro amigavelmente.

— Aos poucos, você pega o jeito. Pode acreditar.



APRESENTAMOS O
CONTO

OS OLHOS NA RACHADURA

POR GUILHERME PECH

GUILHERME PECH É JORNALISTA, ESCRITOR E DESIGNER. RESIDE EM ESTEIO, RIO GRANDE DO SUL. É PÓS-GRADUANDO EM PRODUÇÃO EDITORIAL. SUA PREFERÊNCIA LITERÁRIA SEMPRE FOI (LER E ESCREVER) NARRATIVAS DE TERROR E SUSPENSE.

Ela esfregou as mãos nos olhos para ver melhor. Em seguida fechou um olho; apenas o outro permaneceu aberto. Antes disso, piscou umas três vezes. Era mais uma daquelas noites misteriosas. Não sabia o que estava acontecendo. Apenas tentava, através daquele buraquinho, desvendar o que se passava lá dentro, naquele quarto escuro ao lado do seu.

Cá está ela, neste momento. Ajoelhada para ver melhor. É difícil de decifrar. Escuta apenas lamúrias ou gemidos. Alguém deve estar sofrendo, apanhando, implorando. Em alguns casos, a dor parece ser pior do que em outros, a julgar pelo som.

Então, ela para. Tapa os ouvidos e começa a rezar. Pede para que todos os seus anjinhos e amiguinhos imaginários a protejam do mal além da porta daquele quarto. Que protejam sua mamãe, e também seu papai, que ela nunca mais viu, e que nesse momento pode estar lá em cima com as estrelas, ou lá embaixo, em algum lugar frio e mau. Ou, ainda, em qualquer lugar por aí.

Em seguida, retira a mão dos ouvidos e ouve um grito agudo, doloroso, como a dor de uma agulha entrando sob uma unha, e, então, silêncio. Começa um cheiro. Parece incenso, mas não é. É diferente dos cigarros que a mãe costuma fumar, dia, noite, sempre que respira ou não está tossindo. Vê uma barata invasora voando até a beirada de sua cama e engole um grito. Começa a chorar, um esgar de boca aberta mudo, horrorizado.

Contou para a mãe na manhã seguinte, aos prantos e soluços, quase culpada.

— Já combinamos que você não pode sair do quarto depois das dez.

— Eu não posso sair, mamãe... a porta fica trancada, lembra? É que fiquei com muito medo.

A mãe dá uma fungada rápida e coça a cabeça de olhos fechados. As olheiras eram agora covas mapeadas sob os olhos, castigados, ausentes de luz. Na peça, cozinha e sala de estar acopladas, uma luz debilitada e doente amortalhava a pequena mesa de quatro lugares. A mãe levantou e foi levar lençóis encardidos e roupas para lavagem. Fediam e ela tossia com o cheiro. Depois que a filha foi para a escola, tropeçou em garrafas vazias e se atirou no sofá, exausta.

Às dez daquela noite, a menina foi para seu quarto. Minutos depois, ouviu-se alguns ruídos surdos na sala ou na porta principal. Foi para a cama.

Às dez e meia, silêncio. Ela lembrou que não havia escovado os dentes e que a mãe esquecera de trancar a porta. Ergueu-se e ligou a luz do abajur. Deu uma rápida olhadela para a rachadura, na parede. Tudo escuro. Lá foi ela, em direção ao banheiro. Ao sair, escutou aquela mesma lamúria baixinha e abafada de antes, como o grito que alguém abafa com a mão espalmada na boca. Tremeu. Nunca havia saído do quarto depois daquele horário.

Olhou para aquele quarto, misterioso, ao lado do seu. Uma luz fraca vinha através da fresta da porta. Ela correu de volta ao quarto e se fechou. Foi até a rachadura espiar. Lá dentro, parecia que algumas coisas estavam diferentes; haviam mudado de lugar ou simplesmente estavam mais nítidas. A tosca claridade da luz revelava pernas desnudas e um monstro, terrível e robusto, as judiando e babando; ia provavelmente devorá-las logo, logo. Parou de ver no mesmo instante. Em seguida pousou a mão sobre a parede e espiou através da rachadura, que lhe pareceu maior.

Ela conseguiu ver, de modo perfeitamente nítido. Paralisou o olho na fenda sem piscar, registrando tudo, como uma máquina filmadora. Viu o que reviu por muitas noites depois daquela de vários modos diferentes e que continuará revendo em todos os sonhos, nos poucos que ainda lhe deviam restar.

Gritos e gemidos ficaram mais alto, mais estridentes, mais incontrolláveis, quase febril, como uma sessão de tortura. Momentos após, um som metálico e alguém calçando sapatos.

A menina saiu do quarto correndo e se escondeu atrás de um dos sofás. O nariz sangrava. O monstro saiu do quarto, apertando a cinta, embora ainda descamisado. Ele parou para escutar algo no escuro; identificou e virou-se para ela. Sorriu.

— Não tenha medo, *princesinha*. Sua vez está chegando.



APRESENTAMOS O
CONTO

O MISTÉRIO ALMEIDA

POR JC.VOOLIVER

JC.VOOLIVER, NASCEU EM 1979 NA CIDADE DE A.CHATEAUBRIAND-PR. FORMADO EM CIÊNCIAS HUMANAS, INICIOU SUAS PUBLICAÇÕES PELA EDITORA CONTOS LIVRES EM 2022. ENSAÍSTA, POETA, TRADUTOR E DRAMATURGO, EXPLORA TEMAS QUE LEVAM DESDE REFLEXÃO INDIVIDUAL E COLETIVA, COMO FILOSOFIA, ALTRUISMO, PSIQUÊ E ESPÍRITO. SUA PRODUÇÃO LITERÁRIA PAUTA-SE EM TEMAS QUE DESPERTAM A IMAGINAÇÃO, MUDANÇA DE CONCEITOS E QUESTIONAMENTOS RELIGIOSOS, ALÉM DE PROVOCAR MEDITAÇÃO, CLAREZA E LIBERTAÇÃO.

Já faz tempo desde que registrei a última nota em meu diário. Depois do episódio da casa dos Almeida, não anotei mais nenhuma experiência incomum comigo ou com qualquer pessoa. Pensei em até tacar fogo nos meus cadernos, porém, por alguma razão que desconheço, ainda os tenho guardados na gaveta. O fato é que tive ódio de tudo aquilo, pois, não consegui entender o que realmente ocorreu, nem acredito que meu finado amigo, Jerônimo, seja culpado. O que aconteceu naquele dia foi um puro acaso deste mundo inexplicável. O Almeida, disse que seu filho gostava de histórias emocionantes sobre animais. Então, durante um jantar, naquele rigoroso inverno de 1975, eu lhe contei algumas de peixes e pescarias, mas, diferente do que eu pensava, não consegui emocioná-lo. De repente, ocorreu-me a lembrança que Jerônimo, amigo de infância e que tivera algumas experiências com animais na famosa viagem à Amazônia em 1963, tivesse causos melhores. Se eu pudesse trazer ele comigo, em uma das minhas visitas aos Almeida, ele entreteria melhor aquela criança. As histórias dele teriam sucesso onde as que eu contei, falharam. É claro que naquela época, eu não fazia ideia de quão perigoso isso seria.

Então, na minha inocência, prometendo voltar, eu disse ao filho do meu amigo Almeida, que eu conhecia um velho caçador cujas experiências eram mais estranhas do que qualquer uma. Perguntei se, numa próxima visita, meu amigo podia me acompanhar. A permissão de trazer Jerônimo foi prontamente atendida e a criança ficou excitada com a possibilidade de conhecer um “verdadeiro” contador de histórias. Como ela podia ser muito crédula, Jerônimo agradaria a plateia narrando os profundos e inexploráveis cantos da Amazônia, por qual passara. Promessa feita, procurei meu contador de causos.

Os dias frios continuaram, no total quinze com chuvas e conhaques quentes, e lá estávamos adentrando à residência dos Almeida novamente, eu e meu amigo Jerônimo. Não vou nem descrever como os olhares curiosos da criança se voltaram para ele. O garoto aguardava como aguarda o papai Noel em noite de Natal. Jerônimo, muito amigável, conversou um pouco comigo e o Almeida, mas logo pediu licença para falar ao pequeno menino que fora objeto da sua visita. Como o tempo todo, o menino cutucava e perguntava, Jerônimo logo iniciou sua narrativa.

— Bem, você está pronto para minha história? — perguntou sentando-se numa cadeira mais confortável perto da lareira e puxando a atenção de todos para si. Logo, o menino sentou-se aos seus pés e o restante da família se ajuntou para ouvir.

— A história é sobre uma onça... — iniciou Jerônimo como que já trazendo o desfecho. E não podia ser outra, a Amazônia é repleta delas. — uma onça que me seguia, com bastante calma. Sim, era um dia bem quente e acredito que ela também estava tentando poupar fôlego. Minha história até servirá como um aviso para você, quando crescer, lembre-se de nunca chegar perto de uma floresta desarmado, nunca! Não faça como eu fiz. — o garoto estava hipnotizado — Era uma manhã, e eu saíra para uma caminhada curta, achei que não teria problema. Mas teve, muito mais do que você possa imaginar. A onça estava lá, e esperava por isso. Quando me afastei do acampamento que havíamos feito perto do rio, notei que além dos meus passos, um barulho novo me acompanhava. Olhei para trás e lá eu vi que lentamente atrás de mim, estava ela. Colocando-se entre mim e o acampamento, esperta, não me deixou voltar mais pelo mesmo caminho. Comecei então a seguir, por outro lado, um pouco mais rápido e vi que ela também escoltava num passo mais apressado. Rapidamente calculei que: se eu andasse rápido, ela também andaria, e como as onças correm mais do que os homens, se eu mantiver meus passos mais lentos, ela vai me acompanhar também no mesmo pique. Correr só pioraria as coisas...

— Por quê? — interrompeu pela primeira vez, o menino.

— Porque, — respondeu o Jerônimo — para onça, aquilo poderia ser um jogo. Andando, ela continuaria andando também, mas correndo, ela ganharia velocidade e já me alcançaria. E, neste jogo, eu seria presa fácil. Por isso, segui caminhando. Não foi nada melhor já que no final, terminou do mesmo jeito, porém, eu teria uma vantagem para pensar em alguma saída enquanto isso.

Notei que o menino entendera perfeitamente a explicação. Então meu finado amigo continuou...

— Ao olhar para os lados, só vi árvores baixas, e isso também era um problema. Eu não tinha para onde subir. O meu alívio, se é que podemos dizer assim, foi notar um paredão de pedra que dava num vale. Ali, pensei, devia haver um jeito de escalar algo para que a onça não me alcançasse. Se eu encontrasse um jeito de subir em algum lugar difícil, logo os demais homens sentiriam a minha falta e viriam em meu socorro. Infelizmente, não havia como alçar aquele paredão, ele era liso e não encontrei lugar onde me apoiar. Lembrei que ainda era de manhã, e os outros demorariam para sentir minha falta, eu estava começando a me desesperar.

— Por quê? — perguntou novamente a criança.

— Porque normalmente as onças saem à noite e voltam bem cedo, que é quando os pavões ou outros animais pequenos estão alimentando suas crias. Ela escuta o barulho dos filhotes, quando o sol nasce e sai a procura de alimento fácil. E, eu sabia que para aquela onça ali, o alimento fácil já tinha um nome: Jerônimo.

— Por que você decidiu fazer esta caminhada? — continuou o menino detetive.

— Pura tolice. — respondeu Almeida antecipando-se — Ele não pensou que poderia provocar um desastre.

— Pura tolice! — Jerônimo repetiu concordando com a cabeça — Mas, você entenderá no fim... como o lugar era de difícil acesso e eu não tinha como subir, procurei outra alternativa. Felizmente, eu vi uma caverna. Havia uma diminuta entrada que poderia ser minha salvação. É claro que adentrar lá cortaria minha pele, pois o buraco era apertado, mas eu não tinha outra saída, não havia lugar melhor no momento. Olhei dentro do buraco e vi que a cavidade ficava ainda menor, e isso seria bom. Logo a onça não teria espaço também e por certo, desistiria de mim. Além disso, poderia existir ramificações entre as quais eu driblaria o animal e se perdendo, iria embora. Tudo isso passou-se em meus pensamentos na velocidade de um relâmpago, junto com ínfimas esperanças de salvação. Então, me abaixei, coloquei-me de quatro e entrei na caverna. A perseguidora, entrou também. Ela não desistiria de mim, e eu vi a luz se apagar quando ela passou pela entrada. Como suspeitava, a gruta foi ficando menor, e logo eu já começava a me arrastar para continuar. Ainda assim, a onça me seguia, sem pressa. Eu pensei que um animal como aquele não seria capaz de se espremer tanto, mas estava errado.

— Meu Deus! — suspirou a sra. Almeida.

— Uma luz de esperança me veio — continuou Jerônimo — quando relembrei da história de um esqueleto de rato, que fora encontrado na parede de uma catedral. Atrás dele, havia um esqueleto de um gato. Ele tinha chegado até aonde não podia seguir, mas isso não lhe fez muito bem nem para ele, nem para o gato. Pensei que aquela história se repetiria comigo, mas desta vez, a onça pudesse ter mais juízo e cansada, fosse embora.

— Bem que podia. — concordou o menino.

— Mas não foi isso que aconteceu. — respondeu de pronto meu amigo — Eu continuei entrando, entrando e entrando. E no meu pé, lá estava ela. Num relance, ocorreu-me um novo pensamento: aquela caverna podia ser o refúgio da onça! Eu havia me enganado completamente e caindo numa armadilha? Ela não me conduzira de

propósito, àquele lugar? Estava me abrigando no próprio covil do inimigo? Isso me fez gelar o estomago.

— Meu Deus! — repedi a sra. Almeida.

— Então, depois de mais alguns metros, a caverna logo se ampliou e poderia haver uma saída em frente. Por mais escura e estranha que fosse a situação, eu comecei a pensar positivamente. Atrás de mim a onça ainda continuava na sua macabra perseguição. Eu não lhe via, mas escutava seus passos. Sua respiração estava acelerada e ela não desistiria de mim. Mas, como o caminho estava começando a se ampliar, eu acreditei que haveria outras rotas e eu poderia me safar em breve. Foi então, que num dado momento, tudo acabou. Tateei por todos os lados procurando uma saída, mas era o fim da caverna, não havia mais para aonde ir. Tudo estava acabado. Era o fim do caminho. Foi neste momento que eu percebi que nunca mais sentiria ar livre outra vez!

Olhei para o rosto do menino e dos Almeida. Todos estavam hipnotizados pela história. Jerônimo era mesmo um mestre. Eles certamente estavam juntos com ele na escuridão da caverna, sentindo o cheiro da onça e a respiração dela. Eu podia até ver o pânico em seus olhos quando imaginavam a hálito do animal.

— E, a onça chegou! — falou meu finado amigo — Neste momento, de perto, o animal era muito maior do que eu imaginava. Possuía uma perfeita aerodinâmica, pés macios, grandes de um animal pesado, pelos tão bem aparados que pareciam aparelhados à pouco, e unhas, tão afiadas como uma lamina. Na escuridão da caverna eu não sei se vi tudo isso ou imaginei, mas o fato é que ela estava ali, bem diante de mim. E eu, encurralado. O rato. A caverna escura acabara com toda a esperança de sobrevivência. Era meu último momento...

— E o que aconteceu? — perguntou por fim o menino quase num grito.

— Ela me comeu. — respondeu Jerônimo tranquilamente — E, é um fantasma que está aqui falando com vocês!

Ao ouvir este desfecho, tranquilizados, todos riram descontraídos.

Então, as luzes se apagaram num relâmpago e o fogo da lareira, como que assoprado por um invisível vento, apagou também. Eu ouvi gritos! Esta foi a última coisa que lembro. Gritos tão horrendos como eu nunca tinha ouvido antes.

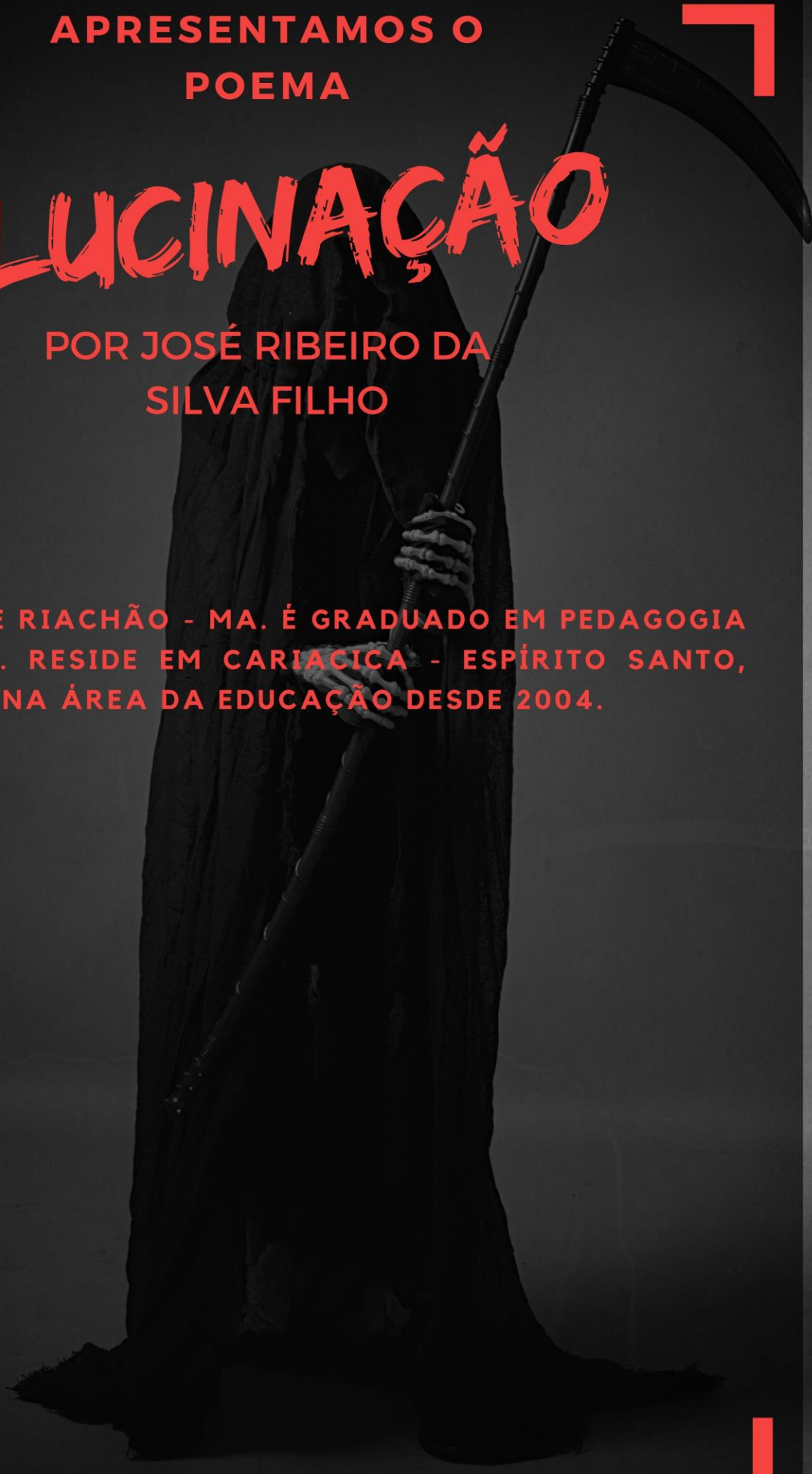
Depois daquilo, acordei em casa. Não sabia mais dizer se tinha sido testemunha ou se tudo era apenas um sonho desconexo. Pelo jornal, ao tomar café, li a terrível notícia que a família Almeida fora encontrada morta. Disseram que um animal selvagem entrara

na propriedade, uma onça, e atacara todos. Comera os corpos restando apenas pedaços do pequeno filho. Quando soube deste ocorrido, procurei apressadamente me encontrar com Jerônimo. Fui em sua casa, mas ele não estava lá. Deixei recado, porém foi a proprietária da pensão quem me respondeu o bilhete dizendo que já há dias ele não aparecia ali.

Só soube novamente de Jerônimo, dois dias depois, pelo mesmo jornal, que estampara sua foto e noticiava, em circunstâncias estranhas, sua morte. Diziam apenas que fora atacado por um animal, talvez a mesma onça que atacara os Almeida.

Depois daquilo, um rigoroso inverno caiu sobre a cidade e não pude sair por quinze dias. Estupefato com todas estas informações. A polícia continuou as investigações e por medida de segurança, enquanto não encontrasse o animal, pediu para que as pessoas evitassem andar sozinhas pelas ruas. Quando finalmente o sol se abriu e o trânsito de pessoas foi novamente liberado, eu fui ao cemitério ver com meus próprios olhos o túmulo de Jerônimo. Ali encontrei dois montes de terra, cada qual com sua cruz. Numa maior jazia meu amigo e na menor, o que restara do filho dos Almeida. Um testemunho estranho do fato que ainda permanece sem explicação até para mim que sou tão cético.





APRESENTAMOS O
POEMA

ALUCINAÇÃO

POR JOSÉ RIBEIRO DA
SILVA FILHO

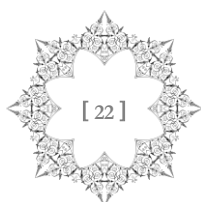
NATURAL DE RIACHÃO - MA. É GRADUADO EM PEDAGOGIA
E HISTÓRIA. RESIDE EM CARIACICA - ESPÍRITO SANTO,
ONDE ATUA NA ÁREA DA EDUCAÇÃO DESDE 2004.

O medo me dominou...
Ao pensar na morte
Que vinha e chegou...
Morri momentaneamente...

Nesse breve instante
De morte consumada
Senti calafrio ardente...
Ouvi lamúria desesperada...

Percebi odor deletério
Num frio, deveras glacial
Mudo e envolto em delírio...
Refém da fluidez do mau...

Mas, foi tudo alucinação...
Assombrosa... alucinação...

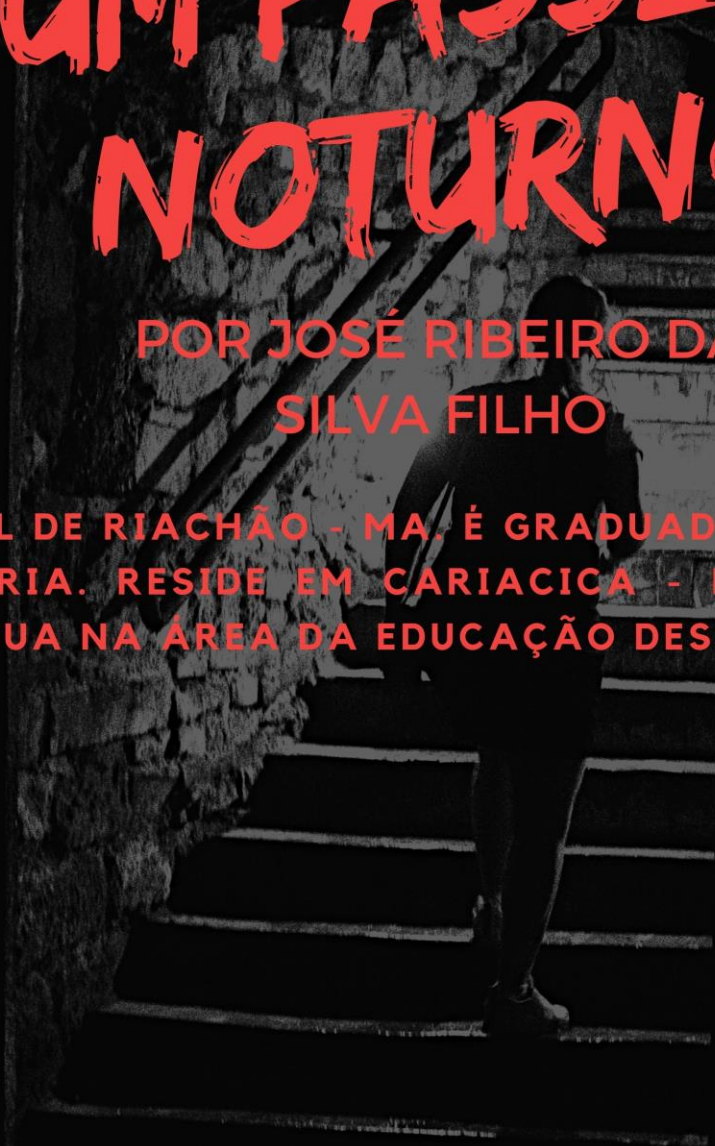


APRESENTAMOS O
POEMA

RECORDAÇÕES DE UM PASSEIO NOTURNO

POR JOSÉ RIBEIRO DA
SILVA FILHO

NATURAL DE RIACHÃO - MA. É GRADUADO EM PEDAGOGIA
E HISTÓRIA. RESIDE EM CARIACICA - ESPÍRITO SANTO,
ONDE ATUA NA ÁREA DA EDUCAÇÃO DESDE 2004.



Lembro que às vezes quando criança,
Saia, sozinho ou com algum amiginho,
Em perigosa aventura. Na esperança...
De buscar frutas em quintal de vizinho.

Certa vez ao saí só, em noite fria,
Pelo caminho deserto e escuro...
Andei mais do que normalmente ia,
Era setembro, mês de caju maduro.

Mas nessa via tinha um inconveniente...
Estava ao lado de um tosco cemitério,
Que não tinha muro era arrepiante!
Transmitia-me misto terror e mistério...

Porém, segundo relataram a mim,
Havia um pé de caju carregadinho,
Daquela espécie de caju-mirim,
Logo à frente naquele caminho.

E quando ao dito cemitério cheguei,
Senti um pavor incompreensível...
Ao ver... Imediatamente congelei...
Um túmulo abrindo-se... Terrível...

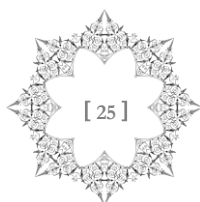
E, o pior ainda estava por vir
Quando a lápide se mexeu
Alguém de lá começou a sair
Nessa hora a vista escureceu...

Consegui também me mover
Saí correndo de volta para casa

Foi aí que senti água escorrer
Pelas pernas, quente como brasa.

Cheguei a casa sorrateiramente,
Passei pelo quintal, fui ao poço
Tomar banho imediatamente...
E deitei com a cabeça em alvoroço!

Na manhã seguinte, ao despertar
Soube que o que pensei ser morta criatura
Que o mundo dos vivos veio assombrar...
Era o coveiro preparando nova sepultura!



APRESENTAMOS OS
HAICAIS

FARPAS

POR LUIZ F. HAIML

MORA EM TAQUARA, RS. SAGITARIANO, NASCIDO EM 1964. FUNCIONÁRIO PÚBLICO. TEM O ESPAÇO HAIML & ETC, NO JORNAL PANORAMA ON-LINE DE SUA CIDADE. COLUNISTA, COMENTARISTA, POETA E FICCIONISTA, TEM RELATIVO SUCESSO EM ALGUNS CONCURSOS E BASTANTE MATERIAL JÁ EM ANTOLOGIAS.



algo a passar
poc, poc, na escuridão
não quero ver

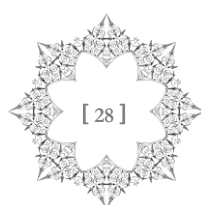
apesar de você,
nós todos tomamos chá,
com meu morto pai

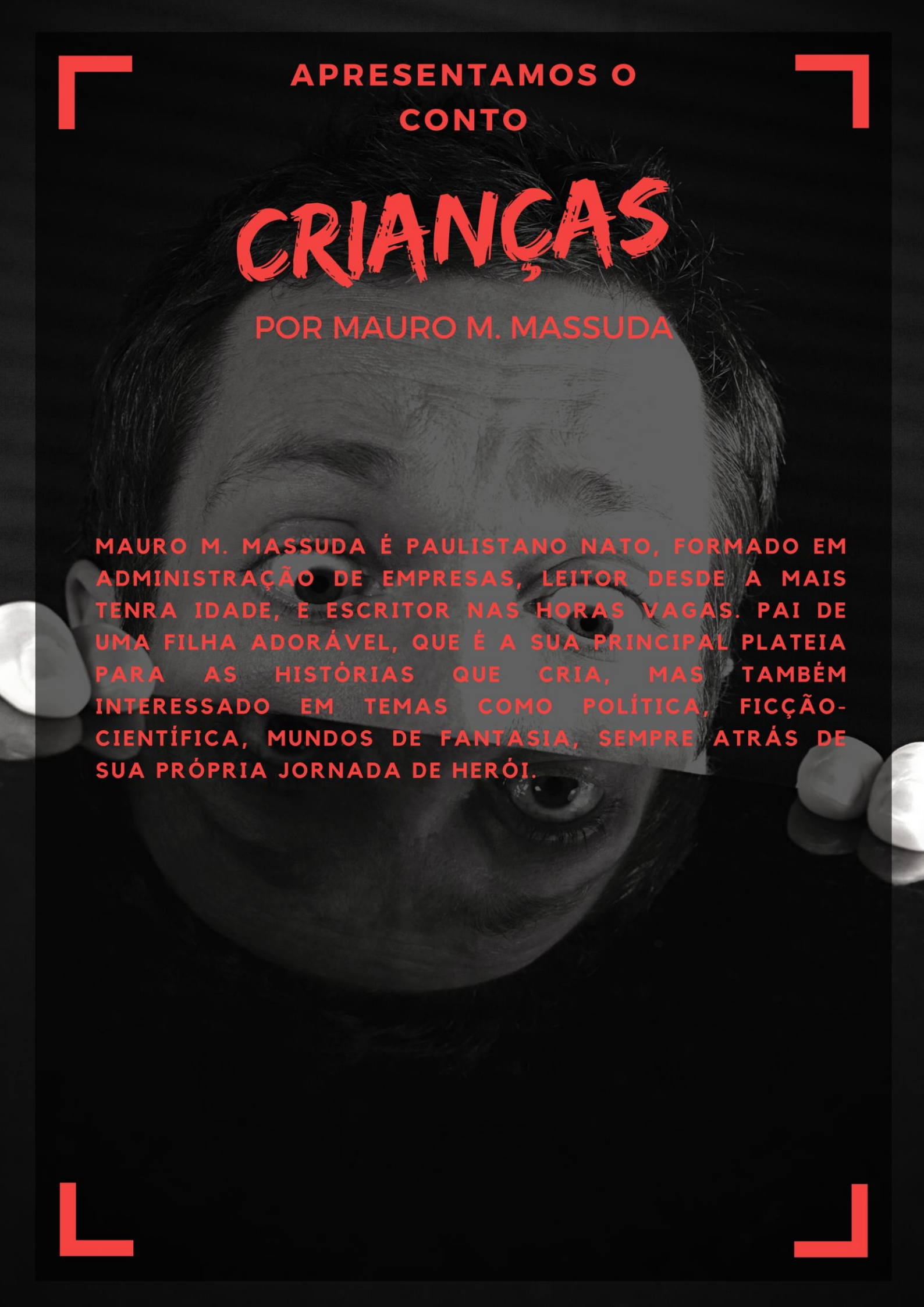
de repente eu vi
o vermelho balão
foi tarde demais

no breu a razão
a loucura no sofá
demo a sorrir

escuro o céu
curicacas a gritar
filme de terror

dentes a brilhar
túmulo a se abrir
corvo imortal





APRESENTAMOS O
CONTO

CRIANÇAS

POR MAURO M. MASSUDA

MAURO M. MASSUDA É PAULISTANO NATO, FORMADO EM ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS, LEITOR DESDE A MAIS TENRA IDADE, E ESCRITOR NAS HORAS VAGAS. PAI DE UMA FILHA ADORÁVEL, QUE É A SUA PRINCIPAL PLATEIA PARA AS HISTÓRIAS QUE CRIA, MAS TAMBÉM INTERESSADO EM TEMAS COMO POLÍTICA, FICÇÃO-CIENTÍFICA, MUNDOS DE FANTASIA, SEMPRE ATRÁS DE SUA PRÓPRIA JORNADA DE HERÓI.

A tarde morria aos poucos, assim como a animação da mudança. Os três homens estavam sentados no chão da sala de estar, disputando espaço com as caixas de papelão ainda fechadas com fita adesiva. O pequeno apartamento estava lotado com elas, espalhadas pelos dois quartos, a cozinha e a área de serviço.

Trocavam piadas entre si, bebericavam o refrigerante em copos descartáveis, e tentavam matar a fome com os salgados comprados na padaria em frente ao prédio. Levaram o dia inteiro para embalar as coisas do amigo que se mudava, enfiar nos carros e levar para seu novo endereço. Estavam cansados, os músculos doloridos reclamavam daquela atividade física fora do comum, e ainda faltava montar os móveis. Decidiram deixar isso para o dia seguinte.

“Vai ficar com saudades de seu velho bairro, Dimitri?” perguntou Sandoval, esvaziando a última garrafa de refrigerante.

“Não mesmo... Agora é vida nova!” respondeu Dimitri, levantando o copo descartável para propor um brinde. Os três riram, e brindaram pela boa sorte do amigo.

“Dimitri, você não tem receio...” Décio interrompeu sua pergunta, olhando ao redor, como se procurasse algo nos cantos mal iluminados do apartamento. O lugar pedia uma boa faxina e a troca de várias lâmpadas queimadas.

“Receio do quê?” quis saber Dimitri. Eram amigos desde a infância, e tão acostumados com os trejeitos um do outro a ponto de saber que havia algo o incomodando.

“Bom, que este lugar seja, sabe... mal-assombrado?” Décio perguntou, hesitante. Dimitri e Sandoval responderam com risadas abafadas.

“Décio, olha só, tenho mais medo de não conseguir pagar o aluguel do que de alma penada” respondeu Dimitri, dando um tapa no ombro do amigo. “Mas, fora isso, não tem nada que assuste por aqui, certo?”

“Não sei...”, Décio respondeu, olhando para os lados. Colocava e tirava as mãos dos bolsos, cruzava e descruzava os braços. “Tem certeza de que ninguém morreu aqui neste apartamento?”

“Olha só, o condomínio é novo, foi construído faz uns dois anos, acho difícil que tenha morrido alguém aqui”, comentou Sandoval. “E concordo com o Dimitri, não há nada a temer aqui. Décio, você tem que parar de ter medo de tudo!”, riu-se.

“Não é que eu tenho medo de tudo, Sandoval, é que tudo pode ser assustador, basta estar no... contexto certo,” explicou Décio, enquanto olhava distraído para o sol se pondo em tons de amarelo e laranja.

“Contexto...”, Dimitri falou, o sentido da palavra vagava pela sua mente como uma mariposa ao redor da vela.

“Sabe, o lugar, a hora, as pessoas envolvidas... isso é contexto,” Décio explicou da forma mais didática que podia. “Uma coisa é normal e familiar no contexto que todos conhecemos, mas se mudamos algo... Aí qualquer coisa pode dar medo.”

“Qualquer coisa? Até, sei lá... Crianças brincando num playground?” desafiou Dimitri.

“Sim, mesmo crianças num playground,” confirmou Décio, pensativo, “aquelas risadas e gritaria parecem normais numa tarde de verão, em mês de férias, mas em outras circunstâncias... são aterradoras.”

“Tá certo,” interrompeu Sandoval, sorrindo, “nada mais assustador do que a criançada cantando ciranda-cirandinha...”

Horas mais tarde, Dimitri se acomodava no colchão de mola, largado no chão do quarto. Sandoval e Décio já haviam partido, entre risadas e alfinetadas. Desfez as malas, tomou um longo banho no chuveiro, e queria apenas deitar, fechar os olhos e dormir. Em vez disso, estava rolando de um lado para outro, e remoendo as palavras do Décio. Como qualquer coisa podia ser assustadora? Ainda mais... crianças brincando? Impossível. Se ele fosse uma daquelas pessoas com problemas de infância, vindo de lar desfeito, sendo perseguido pelos valentões no playground, ainda poderia fazer algum sentido. O trauma plantaria o medo. Mas não era seu caso. Não mesmo.

Devia ser três da manhã, a hora das bruxas. Abriu os olhos, levou alguns segundos para lembrar onde estava. Havia cochilado. A casa, o prédio, o bairro, tudo era silêncio.

“Ciranda... cirandinha...” ele ouviu, vindo de longe, um canto melodioso que parecia vir do fundo de um poço. Mas não havia nenhum ali por perto. Seu coração disparou.

“Vamos todos... cirandar...” completaram outras vozes, também melodiosas, agudas, saídas do fundo de alguma caverna escura. Ele se ergueu, olhando para os lados, tentando descobrir de onde vinham.

“Vamos dar a meia volta...” seguiu-se mais um verso, uma voz infantil em solo. Parecia vir de algum lugar da vizinhança, talvez houvesse alguém brincando em frente ao

prédio. Mas àquela hora? Refletiu um pouco, talvez fosse apenas sua imaginação, toda aquela conversa supersticiosa do Décio.

“Volta e meia... vamos dar...” soaram claramente as vozes abafadas, concluindo a cantiga de roda, desafiando a ideia de que fosse apenas sua imaginação. O vento uivou pela janela, levando para longe aquela cantoria.

Dimitri se ergueu, e buscou em vão pelo celular. Olhou para a porta do quarto, e para a escuridão do corredor além dela. Inclinou-se, ensaiou levantar, e então ouviu.

Risadinhas abafadas. Pareciam vir de todos os lados, talvez os filhos do vizinho estivessem lhe pregando uma peça? E também vozes, animadas e fanhosas. “Está com você... Peguei você... é a sua vez”, dizia uma. “Não pegou... não”, repetia lentamente a outra. E o barulho de passos agitados, pequenos pés correndo de um lado para outro. Dimitri tapou os ouvidos com as mãos, e fechou os olhos.

Demorou alguns segundos para perceber que tudo estava silencioso de novo. Devagar, abriu os olhos, e se levantou. “Acho que estou ficando maluco,” pensou consigo mesmo, “toda aquela conversa fiada do Décio.” Deu passos largos até o interruptor de luz. A claridade áspera o fez piscar, mas não se deteve ali. Seguiu marchando, como se isso lhe desse coragem, acendendo todas as lâmpadas em cada cômodo. Encostou-se nas cortinas da sala, empurrou-as de lado com as mãos, e encarou seu reflexo no vidro, um menino assustado no corpo de um homem. Olhou para o playground quatro andares abaixo.

Não havia ninguém. Nenhuma criança brincando de pega-pega, ou girando em cantiga de roda. Só as luzes amareladas dos postes na rua, e os brinquedos abandonados. Respirou fundo, balançou a cabeça, riu baixinho. Deviam ser invenções de sua cabeça mesmo, e daquela conversa sobre contexto e assombração. Amanhã iria reclamar com Décio sobre a noite mal dormida, seria uma história e tanto. Riu alto, dessa vez. Claro, era só sua imaginação. Olhou para o playground de novo, e o riso se desfez na sua boca.

Para frente e para trás, os balanços estavam se mexendo. Todos eles, mas alguns mais rápido, outros mais devagar, enquanto as árvores e os arbustos que rodeavam o playground estavam imóveis, denunciando que a ventania havia cessado. Colocou a mão na boca, teria gritado se não fizesse isso. A escuridão o envolveu subitamente, olhou ao redor e percebeu que todas as luzes do pequeno apartamento haviam se apagado.

“Vamos brincar... de cabra-cega?”, uma pequena voz fanhosa sussurrou em seu ouvido. Saiu correndo, tropeçando nas caixas de papelão, usando os braços e pernas para se erguer e tombar sem parar, buscando a segurança do quarto. “Vamos!” respondeu um coral de vozes e risadas pueris, alegres, perseguindo-o pelo corredor.

Dimitri mergulhou de volta no colchão, para a segurança do cobertor, puxando-o acima da cabeça. Seu coração martelava dentro do peito, o ar entrava viscoso como cimento em seus pulmões. Começou a rezar baixinho, depois em voz alta, mas se atropelava nas palavras. Fazia muito tempo desde que deixara que frequentar igreja, mas queria a proteção divina contra o que fosse que estivesse assombrando aquele apartamento. Prometeu a si mesmo sair de lá no raiar do sol, se sobrevivesse. O pensamento o assustou – e se estivesse em algum lugar maldito, aquele lugar de que ouvira falar em livros e filmes, onde o mundo dos vivos tem uma porta de entrada para a terra dos mortos? E se tivesse, sem querer, entrado em um lugar profano?

Suas orações e elaborações filosóficas foram interrompidas pela voz fanhosa, que a cada palavra era acompanhada de risadinhas frenéticas, que até poderiam ser alegres, se não soassem abafadas, como se saídas do fundo de uma caverna.

“Agora... é hora de brincar... de esconde-esconde,” dizia uma das crianças-fantasma.

“Onde... você... se escondeu?” chamou o coral assombrado.

“Vamos contar... até dez...” anunciou a primeira, com voz melodiosa e arrastada. “E aí vamos... te procurar.”

“Um... dois... três...” as vozes, alegres e fanhosas do coral infantil entoaram. Dimitri se enrolou nas cobertas, puxando os joelhos para junto de seu tronco, apertando firme as mãos. Já não sentia seus próprios pés.

“Quatro... cinco...seis...” seguiu a contagem, e ele ouvia as risadas infantis, ora humanas, ora soando com as batidas de asas de morcego. O vento retornou, uivando e chacoalhando as janelas contra seus batentes.

“Sete... oito... nove...” as crianças-fantasmas continuavam. Sentiu um calafrio percorrer a espinha, e girou o corpo, tombando para fora do colchão, sem enxergar para onde ia.

“Deeeez... pronto ou não... lá vamos nós!” as vozes fanhosas soaram mais perto, e ele ouviu passos acelerados, como se pezinhos usando sapatos com solado de madeira

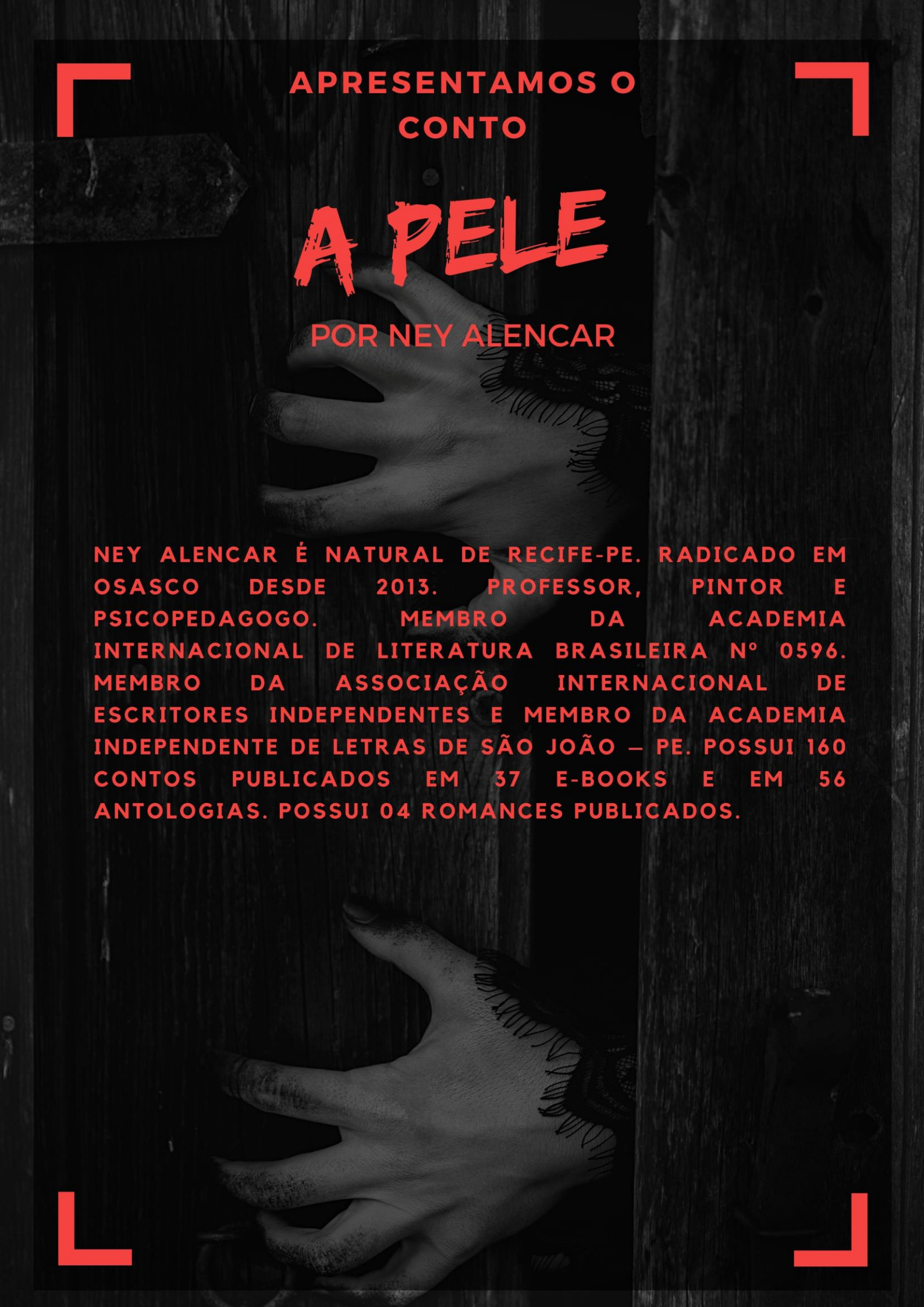
viessem correndo pelo corredor. Não queria de forma alguma abrir os olhos, ou tirar a coberta de sua cabeça. Rolou até encontrar a parede.

Seu coração parecia querer saltar de seu peito, batendo acelerado, dolorido. Suava frio, e sentia um gosto metálico na boca, um enjoo como se fosse vomitar. Seus braços pareciam pesar uma tonelada. Percebeu então que o apartamento estava de novo em silêncio. Fechou os olhos com força, rezando para que aquele pesadelo tivesse terminado.

“Achei você!” ouviu a pequena voz fanhosa falar, e sentiu então uma mãozinha, minúscula e com dedinhos gelados, tocando seu rosto, enquanto as trevas o engolfavam por fim.

Na manhã seguinte, Sandoval e Décio encontraram seu corpo gelado e petrificado, ainda envolto na coberta e o rosto colado contra a parede. Estava com a boca aberta, contorcida em angústia, os punhos cerrados contra o peito. Havia tido um ataque cardíaco fulminante.





APRESENTAMOS O
CONTO

A PELE

POR NEY ALENCAR

NEY ALENCAR É NATURAL DE RECIFE-PE. RADICADO EM OSASCO DESDE 2013. PROFESSOR, PINTOR E PSICOPEDAGOGO. MEMBRO DA ACADEMIA INTERNACIONAL DE LITERATURA BRASILEIRA Nº 0596. MEMBRO DA ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE ESCRITORES INDEPENDENTES E MEMBRO DA ACADEMIA INDEPENDENTE DE LETRAS DE SÃO JOÃO – PE. POSSUI 160 CONTOS PUBLICADOS EM 37 E-BOOKS E EM 56 ANTOLOGIAS. POSSUI 04 ROMANCES PUBLICADOS.

“Pois metade do mundo é noite
E a outra metade é escuridão.”

Dito Popular

1920. São João do Apocalipse.

A cidade de São João do Apocalipse não era uma cidade grande, parecia-se com uma cidade do interior, as ruas largas e cheias de árvores frondosas, não havia muitos prédios ali, os bairros eram grandes e provincianos.

As pessoas eram simples e a vida parecia boa de ser vivida.

Estendia-se pavorosa desde as praias largas de areia ferruginosa da Baía Santa até os limites demarcados pelo velho rio Trombetas, nos campos ao sopé da Serra da Estrela.

O sul era cortado pelos Montes do Pavão depois dos quais ficava a vizinha Tapuias, uma cidade misteriosa e cheia de lendas indígenas.

Ao norte continha a estranha Mata da Cobra Grande e depois das águas turvas do Rio Castanho vinha a Vila do Santo Cristo, incrustada na Enseada do Rei.

Era um lugar pacato, o povo recolhia-se cedo e assombrações ali não tinham vez, mais pela insistência dos vigários das três igrejas e da ignorância plácida que dardejava sobre as mentes de seus habitantes do que por falta de tentativa de assombramento por parte das fantasmagorias que por ali passavam!

Mas quis o destino que uma coisa de fora se imiscuísse na vida do povo e ali fincasse pé, e assim foi que a cidade passou a ser assombrada.

Dizem que foi numa noite de quinta para sexta-feira.

A rua fina e comprida estava escura e silenciosa.

A madrugada suspirava com o vento por entre as casas provincianas, folhas rodopiavam e chacoalhavam pelas calçadas e pelos portões fechados.

Havia um ruído agourento e rouco pairando no ar noturno.

Não havia pessoas acordadas, todos dormiam e sonhavam.

Alguns sonhavam coisas boas, outros pesadelos.

Um deles sonhou com montanhas cobertas de neve e cavernas distantes, fundas e ignotas, um lugar inominado, perdido num tempo em que gigantes caminhavam por aquelas terras.

E de dentro de uma delas veio alguma coisa, algo tenebroso que não era humano.

Veio vindo e saiu das trevas para a luz mortiça da lua que banhava a rua.

Suas mãos unhosas riscaram os paralelepípedos da rua.

O vento soprou forte, pois seu odor era de horror e morte, e foi embora, pois não queria ver aquilo que chegara na rua.

A madrugada encolheu-se, amedrontada pela sombra hedionda.

Os sonhadores se moveram incomodados, muitos soluçaram e suspiraram em meio à novos pesadelos!

Todos dormiam, pelo menos todos os homens e mulheres que viviam ali.

Não sabiam o que fora solto no meio da noite e andava faminta pelas ruas desertas e silenciosas sentindo o perfume da carne que vinha com a brisa.

Algo viera e ficara ali.

Algo mau e tenebroso!

E quando a noite se foi e o dia veio com seu sol, a coisa olhou-o com olhos selvagens e rabugentos e se escondeu nas sombras dos interstícios das coisas da rua.

Se escondeu e esperou que a noite voltasse a cair.

Para se alimentar!

1940.

O cérebro às vezes prega peças e o cérebro humano mais que todos!

Isso talvez explique o que o detetive Conan viu, talvez explique... talvez não!

Quando pensamos como é vasto e desconhecido o tecido do universo e como mal podemos compreendê-lo ou sequer conhecer todas as suas paisagens, porque estamos sempre na escuridão e ela envolve terríveis e sombrias possibilidades, às vezes temos um mero vislumbre do que existe lá fora, pois nossa sanidade é frágil e não suportaria a realidade tonitruante de caos e entropia que nos envolve.

E existem coisas que caminham na escuridão ao nosso redor!

Coisas terríveis e inumanas que predam a humanidade e estão sempre famintas!

Conan encontrou uma dessas coisas, embora não soubesse o que era e mesmo quando a viu despida de sua pele humana não acreditou no que via!

Tudo começou com um assassinato...

Conan olhou a pequena casa, o lugar era aconchegante, o telhado baixo era convidativo, as janelas acolhedoras, caminhou em passadas largas até a porta que estava aberta e entrou.

O interior tinha o cheiro característico de ferro e algo apodrecido.

O doutor Alberto estava examinando o corpo, levantou a cabeça e o cumprimentou.

— Detetive Conan, que bom vê-lo! — A voz tremeu um pouco e Conan reparou que seu rosto estava lívido, branco, com a palidez advinda de um medo sobrenatural.

— Já aqui doutor Alberto? O senhor é rápido. — falou Conan estranhando o tom do amigo.

— E esse é o caso mais estranho que já vi em todos esses anos! — redarguiu o médico.

— O que houve?

— Bem, podemos começar com os olhos arrancados com precisão cirúrgica ou o corte no baixo ventre e a retirada de todos os órgãos? Ou a expressão facial da vítima que parece ter morrido de medo antes que tudo isso fosse feito com ela.

— Como?

— Eu avisei que era estranho.

— Não é estranho, é bizarro, hediondo! — concluiu Conan — Não há testemunhas?

— Não! Ele era idoso e morava sozinho. — explicou o médico mostrando o corpo — Não tinha parentes vivos e os vizinhos não falavam com ele.

— Não foi assalto. — disse Conan olhando ao redor, tudo parecia no lugar.

Deixou o doutor e olhou pela casa.

Não havia sinais de luta, tudo estava arrumado e impecavelmente limpo, procurou pistas, mas não havia nada.

Voltou à sala.

— Não há nada! — refletiu ele.

— Não, e é isso que me assusta. — falou o doutor Alberto levantando-se — Quem fez isso não tem remorso nem piedade! Não tem humanidade!

— Ora doutor, você está exagerando. Mas acredito que quem fez isso é um monstro assassino e precisamos pegá-lo.

O doutor andou devagar até a porta, parou por um momento, o olhar parado perdendo-se no horizonte sobre os telhados das casas do bairro, e então contou:

— Quando comecei como médico legista nessa cidade, uns vinte anos atrás, vi um caso como esse. Foi... aterrador! Um dos primeiros casos que fiz a perícia e foi exatamente como esse e pelo que sei está sem solução até hoje. Havia uma única diferença, o corpo era de uma mulher de quarenta anos e a pele também havia sido retirada, de uma forma profissional, horivelmente profissional! Como um caçador limpando um animal. Sempre achei que o assassino iria fazer novas vítimas, mas até hoje... nunca havia encontrado nenhuma. Parece que ele voltou.

Conan não soube o que dizer.

— Quem foi o detetive que cuidou do caso na época?

— Foi o Raul Brazzo. — disse o médico voltando para terminar seu trabalho.

— Não conheci ele.

— Não é do seu tempo. Ele morreu uns seis ou sete meses depois de um ataque cardíaco fulminante. Eu atestei! — contou o médico começando a guardar os instrumentos — Foi encontrado em casa, sentado na poltrona, o rosto estava com a cabeça inclinada para trás, os olhos arregalados fitando o vazio com um horror indescritível, os lábios brancos, tinha uma expressão de medo que nunca vou esquecer. Ele viu alguma coisa, mas nunca pôde contar à ninguém o que foi!

Conan voltou para a chefatura.

As palavras do doutro retiniam em sua mente como um sino agourento.

Entrou no seu escritório minúsculo e fechou a porta.

Sentou-se, acendeu um cigarro e pensou.

Devia haver uma conexão entre os crimes e deveriam existir mais crimes, ainda que não tivessem sido encontrados corpos. O lapso de vinte anos entre os dois era grande demais.

Não acreditava que quem fizera aquilo ficara tanto tempo parado.

Assassinos não eram assim e aquele parecia ser da pior espécie.

Foi até o arquivo no subsolo.

O lugar era escuro e úmido, cheirava a mofo.

Remexeu nas caixas, primeiro nos crimes de homicídio. Nenhum era sequer parecido com aquele, e não havia crimes com remoção de órgãos ou olhos.

Depois passou para os desaparecimentos e aí se assombrou.

PARTE II

Em 1920, depois do crime da pele, como o caso foi chamado na época, começaram a desaparecer pessoas, alguns sem teto, crianças e idosos solitários, sumiam sem deixar pistas, nunca próximos e sempre durante a noite.

Nenhum dos casos tinha testemunhas.

Em 1920 foram doze pessoas desaparecidas. O mesmo em 1921 e 1922.

Aumentou para dezesseis em 1923 e 1924. Todos sem solução.

De 1925 a 1928 cresceram e depois diminuíram de 1929 a 1933, crescendo de novo até 1936 e diminuindo até 1940, como se fosse um ritmo hediondo.

Corpos nunca foram encontrados e as vítimas eram sempre sem teto e crianças agora, da classe baixa, nunca chamando atenção da polícia.

Conan separou os arquivos das crianças, mais de duzentos ao todo, o horror daquela pilha de papéis era inimaginável.

Mas se não havia corpos o assassino forçosamente teria um lugar para escondê-los ou para desfazer-se deles, isso poderia restringir sua busca.

Pegou as pastas e levou ao Superintendente.

Bateu na porta, a voz de Macedo veio sonolenta.

— Entre!

Conan entrou com a pilha de pastas e colocou-as sobre a mesa na frente do chefe.

— O que é isso Conan?

— Estas são as pastas das crianças desaparecidas de 1920 até hoje, mais de duzentas.

— E....? — perguntou Macedo fazendo cara de poucos amigos.

— Acredito que estão ligadas ao assassinato de hoje e ao caso do crime da pele.

— O quê? — perguntou Macedo sem entender.

— O assassino é o mesmo!

— Isso eu entendi, detetive. Só não vejo a ligação.

— O método usado no crime da pele foi o mesmo que o do assassinato de hoje.

— A vítima também teve a pele retirada?

— Não, mas....

— Então não é igual! — concluiu Macedo — E as pastas? Foram encontrados os corpos?

— Não, mas...

— Então não sabemos se as crianças estão mesmo desaparecidas nem se estão mortas, não é mesmo?

— Sim, mas....

— Detetive, eu estou em um dilema terrível aqui e você me aparece com suposições infundadas. Imagine se suas deduções sem provas chegam aos jornais. Eu perco meu emprego e você o seu! Você não quer isso, quer? — perguntou Macedo com a voz rilhando de raiva.

— Não, senhor, não quero. — concordou Conan percebendo que aqueles ouvidos estariam surdos à qualquer coisa que dissesse.

— Ótimo. Agora vá e me deixe pensar e leve tudo isso com você. Não quero vê-lo perdendo tempo com isso de novo!

Conan pegou as pastas e foi para sua sala.

Irritado com a falta de vontade, não, com a incompetência do Superintendente.

Sentou-se e olhou a pilha. Devia ter algo ali que poderia lhe dar alguma informação.

Pegou aleatoriamente uma delas e pôs-se a ler.

As horas correram e ele perdeu-se por aquela miríade de desaparecimentos, a maioria dados como rapto sem solução ou meras fugas de casa, cujas vítimas nunca retornaram.

Voltava sempre à pasta do crime da pele, olhando a fotografia da vítima, a senhora Miranda Cavasero, solteira e sem filhos, aqueles olhos cinzentos pareciam tão calmos, para depois olhar a fotografia da cena do crime, com o rosto despido da pele e as órbitas vazias, a mudança era terrível, mas por mais que olhasse não encontrou nada lá.

Afinal, no fim da tarde, descobriu um depoimento que talvez levasse à algum lugar, um caso recente de seis meses atrás.

Um sem teto vira uma sombra próxima ao local de desaparecimento de uma das crianças, uma sombra de mulher que depois ele identificou como sendo uma tal senhora Ghazbán.

Mas ela não foi sequer investigada. Nenhum detetive conversou com ela, foi apenas descartada.

Conan anotou o endereço e saiu.

O endereço deu em uma casa pequena, em uma rua fina e comprida cheia de casas provincianas em um bairro mais afastado do centro.

Bateu à porta e esperou.

Depois de um tempo longo sons de passos arrastados soaram dentro da casa e a porta abriu-se apenas um pequeno espaço.

O rosto que o olhou de dentro da casa o fez dar um passo atrás.

Era como se estivesse vendo o rosto de um fantasma.

A mulher que o atendeu era a mesma cuja fotografia fora arquivada na pasta do crime da pele, o rosto para o qual estivera olhando durante toda a tarde, sabia que era ela, lembrava-se de todas as nuances e principalmente dos olhos, mesmo sendo uma fotografia velha.

— O que posso fazer pelo senhor? — falou a mulher com uma voz rouca e arrastada.

Por um momento Conan viu a imagem do contorno do rosto da mulher piscar, como se fosse uma máscara e houvesse alguma coisa inumana por trás dela.

Alguma coisa com olhos perversos e uma boca grande e cheia de dentes.

Apenas por um momento.

— Seu nome é Ghazbán? Senhora Ghazbán?

— Sim, este é o nome que me chamam. — respondeu ela cautelosamente.

— Posso entrar? Eu sou o detetive Conan, e estou investigando um homicídio.

Podia ver no rosto dela que não queria, mas a menção da polícia a fez mudar de ideia.

Abriu a porta e ele entrou.

A sala tinha um cheiro estranho, frio e impessoal, como uma grande caverna gelada, mesmo com o calor que estava fazendo do lado de fora.

As janelas estavam fechadas e a única luz vinha de um pequeno abajur na forma de gnomo em um canto.

Andou até o sofá e sentou-se.

Havia uma aura de horror ali, podia senti-la como se fosse uma cortina de chuva fria.

A mulher arrastou os pés que pareciam maiores e mais largos do que seria possível, e sentou-se à sua frente.

— O que quer de mim? — sua voz retiniu diferente ali dentro da casa.

— Houve um desaparecimento de uma senhora idosa e sem teto, há alguns meses, debaixo de um viaduto perto do centro e um dos moradores de lá a reconheceu como estando no local na hora do desaparecimento.

— Eu não saio de casa durante o dia.

— Foi durante a noite, às onze e meia para ser bem preciso. — especificou Conan.

— Eu não saio de casa durante a noite.

— A senhora trabalha?

— Não.

— Vive do quê?

— Faça trabalhos esporádicos por ai pela vizinhança de vez em quando.

— Que tipo de trabalhos?

— O senhor está me acusando de algo? — perguntou a mulher rispidamente em um tom alto que pareceu um rosnado.

Conan ficou em silêncio.

— Se não está peço que se retire.

— Onde estava na noite do desaparecimento?

— Não lhe devo satisfação nenhuma, rapaz. Vá embora de minha casa. — disse ela levantando-se mais rapidamente do que Conan poderia supor que faria, numa velocidade incompatível com a idade que queria aparentar,

— Voltarei com um mandado. — disse ele.

— Volte e não tornará a sair. — rosnou ela dando um passo na direção do detetive.

Sua altura parecia ter aumentado, parecia agora quase um palmo mais alta que ele e suas ombros pareciam mais largos e musculosos.

Conan piscou os olhos.

A senhora à sua frente voltara ao normal.

— Me desculpe rapaz, mas estou doente e não me lembro de muita coisa. — falou na voz rouca e arrastada — Talvez queira voltar outro dia?

— Não precisa. Obrigado. — falou o detetive saindo.

A porta bateu atrás dele com um som que ecoou pela rua.

Conan atravessou a rua e já ia entrar em seu carro quando voltou-se e viu o rosto da mulher olhando-o como se o vigiasse da janela da casa, o rosto estava emaciado e maligno, transformado, como a carantonha de uma aranha intumescida, no meio de sua teia, apenas olhando-o como se esperasse alguma coisa.

Antes de sair dali deu uma boa olhada ao redor.

A casa da mulher ficava entre dois terrenos baldios cheios de árvores baixas e mato bem alto, havia cercas proibitivas em ambos, o que serviria perfeitamente para encobrir alguém que quisesse enterrar alguma coisa ali.

Deu a volta na quadra.

Do outro lado era a mesma coisa, apenas que os fundos da casa da mulher davam para uma casa abandonada, com as janelas fechadas com tábuas e a porta toda batida.

Um lugar perfeito para dar fim aos corpos, imaginou ele.

Pensou em voltar ali de noite.

Mas não sozinho, iria falar com o doutor Alberto.

— Você quer que eu o quê? — perguntou o doutor em um tom gritado.

— Quero que me acompanhe até a casa de um suspeito.

— O suspeito de ter cometido o crime da pele e aquele outro de hoje de manhã? Você está doido?

— Não estou doido. Eu verifiquei as pastas, foram quase quatrocentos desaparecimentos nesses vinte anos. Houve vários reconhecimentos visuais da mesma mulher na cena de alguns crimes, sempre a mesma mulher.

— A mesma que é a vítima no crime da pele, não é? Sabe como suas palavras soam absurdas?

— Eu sei, o Macedo já me disse isso.

— Você foi falar com o Macedo? E ele não te demitiu? — falou o doutor espantado.

— Ele não me demitiu, mas disse que não queria me ver perdendo tempo com isso.

— Você não o ouviu, não é?

— Ela é o assassino, doutor. Tenho certeza disso.

— Mas e que provas tem? Sem provas ela vai fazer você perder o emprego ou talvez até ser preso.

— Não vai não. Ela tem alguma coisa a ver com tudo isso. Se você estivesse lá quando conversei com ela. Ela se transfigurou quando perguntei do crime.

— Você quer me convencer de que alguém roubou a pele da mulher e a está usando para cometer outros crimes?

— Pensando desse modo tudo soa bem bizarro, mas é o que acredito sim.

— O que pretende fazer?

— Quero procurar corpos nos terrenos ao redor da casa e na velha casa abandonada dos fundos. Ela deve estar escondendo todos eles perto de sua casa.

— E depois?

— Bem, com provas vou até o Macedo e ele vai ter que engolir a coisa toda! — falou Conan triunfante.

O doutor balançou a cabeça negativamente.

— Muito bem, vou acompanhá-lo apenas com o intuito de ser sua consciência nessa coisa toda, mas tem que me prometer que se der alguma coisa errada saímos rápido de lá.

— Prometo. — disse Conan cruzando os dedos.

A rua estava deserta.

Já era passado das onze horas.

O carro onde os dois estavam fora estacionado na esquina contrária ao lado da casa da mulher.

Esperavam já há quase duas horas.

Afinal a última luz da casa apagou-se.

— Está na hora. — disse Conan abrindo a porta do carro, pegando a pá e saindo.

O doutor o seguiu.

Pularam a cerca do terreno à direita da casa.

O mato alto quase os cobriu.

Durante a próxima hora Conan e o doutor reversaram-se cavando aleatoriamente pelo terreno, covas rasas e iluminando-as com uma lanterna.

Não encontraram nada.

Suados e abatidos retornaram para o carro.

— Vamos embora agora? — perguntou o doutor.

— Não, vamos dar uma olhada na casa abandonada na outra rua. — falou Conan dando a volta na quadra.

Pararam em frente à casa. Estava caindo aos pedaços.

A porta foi difícil de abrir, estava emperrada.

Quando entraram o fedor de coisas mortas os atingiu de supetão fazendo-os perder o fôlego.

— Tem alguma coisa aqui. — confirmou o doutor Alberto — Acho melhor voltarmos amanhã para darmos uma olhada melhor à luz do dia.

— Já estamos aqui, doutor. Vamos terminar o serviço. — disse Conan entrando pela casa e seguindo para a cozinha que ficava nos fundos, o centro do mau cheiro.

O cômodo estava atulhado de lixo, num dos cantos encontraram um estranho buraco cavado pela parede ao rés do chão.

Conan debruçou-se e sentiu o odor ficar muito forte ali.

— É aqui! Vou descer.

— Você está doido? E se tiver alguma coisa aí dentro?

— O que poderia existir aqui doutor? Ratos? Baratas? — contestou Conan entrando pelo buraco.

Conan desceu devagar, o buraco era largo, como se feito para uma pessoas que tivesse duas vezes o seu tamanho.

Era profundo também, seguia dentro da terra.

Achava que iria dar em um porão, mas aquilo não era um porão.

Parecia mais um covil de algum bicho grande e gordo.

Desceu por vários minutos, iluminando o caminho com a lanterna, a terra estava úmida e podia ver que aquele caminho havia sido muito usado.

Estava escorregadio com alguma coisa pastosa, tocou e viu que era algo gosmento, tinha um cheiro horrível que lhe causou náuseas e a cabeça doeu.

Olhou o dedo e viu que era alguma coisa vermelha, sangue talvez, pensou ele estarrecido com a descoberta.

Afinal chegou ao fundo e o horror lhe subiu em engulhos quase o fez vomitar.

Era uma caverna cavada na terra, larga e funda, não parecia ter sido cavada por uma pessoa, parecia que um bicho tinha feito tudo aquilo.

O pior foi quando voltou a lanterna para o chão, estava coberto com uma camada grossa de ossos partidos, roídos e esmagados, ossos de todos os tipos, mas principalmente de crianças.

O susto e o horror foram tantos que por pouco o detetive quase não saiu correndo.

Quem era aquele assassino para fazer uma coisa monstruosa daquelas?

O que ele era?

Nunca havia visto nada igual nos seus dez anos na polícia.

O doutor, que vinha logo atrás, soltou uma exclamação de horror e medo:

— Meu Deus! O que é isso?

— Não sei doutor, mas acredito que encontramos nosso assassino.

— Isso não coisa de um assassino, Conan. Isso é o Mal, puro e simples! Não acredito que um homem possa fazer uma coisa dessas. É difícil separar o mal do homem do mal que vem de coisas mais velhas que o homem! E aqui é o covil de uma dessas coisas!

— Ora doutor, ele é apenas um homem, ou mulher! Nada mais.

— Veja tudo isso, Conan, nenhum homem ou mulher em sã consciência ou mesmo com uma loucura profunda pode fazer uma coisa assim. Não! Isso é outra coisa. Vamos sair daqui. Não quero encontrar o dono desse lugar.

Voltaram pelo caminho que vieram e saíram da casa.

Quando chegaram ao carro Conan disse.

— Me espere aqui, doutor! Ainda quero ver de perto a criatura que fez tudo isso.

— Não seja louco, homem! Já tem suas provas. Vamos sair daqui.

— Me espere doutor que já volto. — disse o detetive entrando pelo lado da casa abandonada e seguindo para os fundos.

O doutor Alberto não o seguiu!

Conan deu a volta no terreno e saiu nos fundos da casa da mulher.

Estava tudo escuro ali.

Viu que havia movimento dentro da casa e aproximou-se de uma das janelas que parecia estar aberta.

Olhou para dentro e o que viu o deixou sem fala.

Havia alguma coisa ali, mas não era humano.

A silhueta era grande, a pele enrugada e esverdeada, seios flácidos destacavam-se, a cabeça era feminina, os cabelos negros e cheios de anéis corriam pelos ombros, os olhos brilhavam com um fogo infernal, a boca grande destacava-se com duas presas proeminentes, o falo semiereto balançava enquanto a criatura parecia cantarolar alguma coisa.

— Você tem o primeiro, você tem o terceiro e o quarto. Quem você não tem? — brincou a criatura com um tom de voz lascivo e um riso gorgolejante subiu-se pela boca escancarada terminando em uma risada gutural.

O detetive viu que ela estava mexendo algo dentro de um enorme caldeirão.

Algo que ainda parecia vivo! Ela tornou a rir e cantarolou:

— A alma é tão saborosa, basta apenas adicionar um pouco de tempero de horror e medo!

A visão horrenda da criatura porém não foi aquilo que levou embora a sanidade do detetive, nem aquilo que estava na origem de seu colapso nervoso.

Posteriormente quando foi encontrado vagando sem rumo pelas ruas do bairro, depois que o doutor Alberto chamou o Superintendente Macedo, o detetive Conan murmurava coisas desconexas e irreais, palavras apenas, sem sentido, meras insinuações, que sempre que dizia o faziam gritar como demente, como se possuído por um horror inominável!

Foi algo mais comum, algo terrivelmente doentio, porém comum que havia sido levianamente deixado abandonado, repousando inerte sobre a poltrona próxima da janela.

Algo do qual Conan teve uma visão nítida e que consumiu sua mente como um câncer enlouquecedor!

Aquilo que o destino ironicamente lhe mostrou e que afastou dele o véu da ignorância que paira sobre os seres humanos e nos protege das insanidade que perambula pelo universo.

Aquilo que Conan viu era a pele da senhora Ghazbán!



APRESENTAMOS O
CONTO

A CURIOSA CONDIÇÃO DE LUÍS FIGO

POR RAMON SILVA

RAMON SILVA É PARAIBANO DA CIDADE DE CONDADO, NASCIDO EM 20 DE OUTUBRO DE 1986. BACHAREL EM SISTEMAS DE INFORMAÇÃO COM ESPECIALIZAÇÃO EM NEGÓCIOS DIGITAIS. É FUNCIONÁRIO DO BANCO DO BRASIL, ESCRITOR DE CONTOS E DE ROTEIROS AUDIOVISUAIS. DIRIGIU DOIS CURTAS-METRAGENS DE SUA AUTORIA, AMBOS SELECIONADOS EM EDITAIS MUNICIPAIS E ESTADUAIS. MEMBRO EFETIVO DO CINECLUBE LADEIRA FILMES, PROMOVE OFICINAS E ORGANIZA EXIBIÇÕES DE CURTAS E LONGAS-METRAGENS. ÁVIDO LEITOR DE HORROR E FICÇÃO CIENTÍFICA E CINÉFILO INVETERADO DE TODO TIPO DE FILME (PRINCIPALMENTE DE HORROR) SUA INTENÇÃO É ESCREVER OBRAS NESTA TEMÁTICA CONTROVERSA, MAS COM UM RICO SUBTEXTO CRÍTICO.

Na sala do Dr. Alfredo Lopes o alarme do celular toca uma canção angelical. Ele abre a porta e se despede de seu paciente. O penúltimo do dia. — Você está indo muito bem Claudio. Marque com Dona Vaninha o seu retorno.

Luís Figo levanta a cabeça e olha com apreensão para a secretária, como se perguntasse se ele já poderia entrar na sala do psicólogo. A secretária sinaliza para Luís, num sinal claro para ele esperar ser chamado. Ele está sentado na última cadeira do consultório. Ele usa máscara e óculos escuro. Luís Figo observava a atendente trabalhar com um curioso interesse. Sua visão, escura como a noite, via ela finalizar o atendimento de Claudio. Ela tem bochechas rosadas que chamavam a atenção. O sangue rubro é concentrado naquela região de seu rosto. Quando ela sorrir, forma duas belas bolas vermelhas que parecem algodões doces.

Luís Figo é o último paciente do dia. Quando Dona Vaninha levanta a cabeça, o paciente ainda a encarava. Para não prolongar o clima estranho ela sorrir. Ela tenta diagnosticar a condição do paciente. Algum problema com o sol e isso o afeta psicologicamente ou tem vergonha de alguma patologia de seu rosto. A secretaria ponderou chamá-lo para mais próximo, porém, conhecendo o histórico dos pacientes do Dr. Lopes, desistiu da ideia.

Tomado pela apreensão da espera, Luís folheia as revistas de psicologia da clínica. Não presta atenção no seu conteúdo. Sua visão está na porta do consultório, depois olha para a secretária, depois olha para o relógio da parede, depois para a porta de saída e novamente para a revista, completando o ciclo aflitivo da espera. Nem a música clássica, emanada pelas pequenas caixas de sons da sala de espera, surte o efeito calmante no senhor Figo.

Finalmente é chamado. Ao se levantar, ele saca um pequeno tubo de aromatizador de ambientes em spray, fragrância de jasmim e borrifa no ar. Toda a sala de espera fica com um aroma agradável. Dona Vaninha observa a cena curiosa. Ela segura o riso.

— Tudo bem meu caro... — Dr. Lopes demora alguns segundos, procura o nome do paciente no seu bloco de anotações — Luís. Por favor, fique à vontade. O divã está aqui. Sente-se ou deite-se, como o senhor achar mais confortável.

A noite invade os céus, a lua, charmosa, enche a janela do consultório. Da janela do consultório, o senhor Figo observa as prostitutas debruçadas nos carros e traficantes com rápidos olhares nas esquinas. Rapidamente as ruas da cidade ficam ocupadas. As luzes

de alguns postes acesos. No consultório a iluminação é suave. Uma luz que deixa o paciente mais relaxado.

— Doutor, primeiro queria pedir desculpa. — Fala Luís ainda de pé em frente ao médico.

— Por que seu Luís?

— Pelo motivo obvio né, doutor! O mau cheiro que vou deixar aqui no seu consultório. Na sala de espera fiz o que pude, fiquei no cantinho e quando me chamaram para entrar, joguei um aromatizador em todo o ambiente. Mas aqui dentro. O cheiro ficará entranhado.

— Tá tudo bem seu Luís. Pode se deitar aí, depois Dona Vaninha limpa — Argumenta o Doutor, concordando com o paciente, mesmo sabendo da inexistência desse mau cheiro.

Luís resiste durante alguns segundos. Dr. Alfredo faz novamente o gesto para o paciente sentar no divã. A poltrona é tão aconchegante que ele não resiste. Se sente acolhido. Deitado, ele coloca as mãos sobre o peito num gesto que parece um cadáver num velório.

— Mas me diga Luís, de onde vem esse mau cheiro? — O médico pergunta e, simultaneamente, configura o alarme do celular para 50 minutos. Pega a caneta no bolso e posiciona sobre o bloco de anotações.

— Ah, Doutor, é uma longa história.

— Pode contar, temos bastante tempo.

— Então, foi na última noite do dia de finados. Fui ao cemitério, para a minha visita anual aos meus parentes. Que Deus os tenha. Tinha o resto do dia de folga, aproveitei para beber com meus amigos na praça central. Era um dos poucos feriados que a firma liberava. Era o dia de encher a cara com vinho barato. Compramos o vinho no mercado. Cinco litros do vinho Padre Cícero. Colocamos o vinho numa das mesas de cimento. O tira gosto era pipoca e azeitona. Poucos carros trafegavam naquela rua. Já era madrugada. Eu sempre gostava de sentar próximo à rua. Os carros passavam muito perto. Uma das coisas que minha mãe sempre dizia, era para não ficar perto do tráfego de carros e não dar as costas para a rua, pois era perigoso. Mas nunca a obedeci. Estava, tanto próximo do tráfego, quanto de costas para a rua. O melhor lugar da praça. Nesse dia um carro desgovernado invadiu a praça me atropelando. Foi algo tão rápido que só me lembro de flashes. Eu olhando para o céu estrelado, sangue por todo o lado e muitas pessoas

correndo em minha direção. Depois vi vários celulares apontados para mim. Minha próxima lembrança é no hospital. Médicos discutiam algo. As imagens eram embaçadas. Parecia um pesadelo. Injetaram algo em minhas veias. Isso eu me lembro vividamente. Minha pele começou a queimar, a dor era tão forte que desmaiei. Ao acordar me disseram que tive muita sorte. Quebrei a clavícula e um braço. Se o carro me atingisse alguns milímetros para o lado. Eu não estaria contando essa história agora.

— Que incrível seu Luís. Um grande livramento. — Osvaldo fala olhando para o relógio.

— Mas não acabou Dr. Eu estava com um fedor horrível. Eu observava as enfermeiras me dando aqueles banhos que dá em doentes. Elas são muito bem treinadas né? Nem fazem cara feia. Como conseguem suportar esse fétido odor. Mas agiam naturalmente. O paciente com odor de defunto ficava muito satisfeito com o tratamento. Recebi alta duas semanas depois. Meus exames indicavam que eu havia recuperado minha saúde. Mas meu aspecto estava de um doente terminal. Minha pele estava amarelada e com pouca elasticidade. Meu cabelo estava escasso e os olhos estavam fundos e desprovidos de sangue. E o pior de tudo o mau cheiro continuava. Tentei argumentar com o médico. Mas ele disse que eu estava curado. Chegando em casa tomei um banho caprichado. Mas o odor de carne podre aumentava. Foi aí que comecei a beber sangue e...

— Espera um pouco — Interrompe o doutor impressionado — Você quer dizer que começaram a injetar sangue nas suas veias né?

— Não Doutor. Beber mesmo. — O terapeuta se remexe na cadeira e faz muitas anotações no seu bloco de notas — Aqueles médicos aplicaram algo em meu organismo. Fizaram meus órgãos começarem a se decompor. Tentei todo tipo de medicamento. Mas a solução foi beber sangue. Descobri por acaso. Estava na praça e havia algumas crianças brincando. Uma delas caiu perto de mim e se machucou. Começou a escorrer sangue pelo seu joelho. Quando vi aquele líquido vermelho vivo, lembrei-me dos vampiros, que se curam rapidamente e voei em cima da ferida da criança e comecei a sugar o A negativo de gosto metálico. Senti uma força tomar conta de mim e o mau cheiro ir embora. Durou pouco tempo o efeito. Mas finalmente encontrei a resposta para a minha condição. — Luís interrompe o seu relato e olha para o Doutor que está estupefato com o relato — Sei que o senhor está pensando que sou louco. Da para ver no seu semblante. Mas não sou não. Conte-lhe a mais pura verdade.

— Quem sou eu para julgar, seu Luís, estou aqui para ajudar. Continue.

— As crianças saíram correndo amedrontadas gritando. Papa figo. Papa figo. Achei foi graça, por meu sobrenome ser Figo, mas tive que me mudar. Os pais da criança queriam tirar meu fígado fora. Literalmente. Fui morar num lugar mais afastado da cidade. Tentei sangue de boi. Roubei bolsas de sangue do hemocentro. Mas não surtiu efeito. Então constatei que apenas me serviria o sangue fresco, como o do menino. Por 50 reais, qualquer prostituta ali deixava eu fazer o que eu quisesse. Suguei o sangue da primeira e deu certo. Voltei a trabalhar. Comecei a me sentir melhor novamente.

O doutor se remexe na cadeira novamente.

— Mas, o que houve? Qual o problema? — O doutor na mesma hora pensou, o cara bebia sangue de prostitutas, problema maior que isso, era impossível, mas manteve a pergunta.

— As prostitutas, doutor. Elas começaram a negar meus pedidos exóticos. Então tive que me mudar novamente. Agora moro perto desse consultório.

O tempo da consulta estava perto do fim, quando o Doutor, interrompe suas anotações para iniciar o termino da sessão.

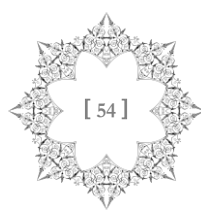
— Então seu Luís, iremos ter um trabalho enorme pela frente, mas você poderá melhorar dessa sua condição. — Nesse momento eles escutam um grito na sala de espera. Era a Dona Vaninha. Luís se levanta do divã, tira os óculos escuros e exhibe sua face toda cheia de feridas. Fica entre o doutor e a porta. Impedindo que o Doutor vá até à sala de espera. Sua voz assume um tom frio e calculista.

— Eu ainda não terminei doutor. Uma das prostitutas, a Tabaca, vendo a minha condição propôs uma parceria comigo, eu pagava-lhe, dava comida, um teto para dormir e ela conseguia as minhas “refeições”.

— Os gritos na sala de espera cessam, escutamos apenas o barulho de faca e de carne sendo cortada. Duas batidas na porta. Luís abre. A sala de espera está tomada de sangue. Tabaca lhe entrega uma garrafa plástica com o líquido vermelho. Luís Figo retira a máscara e revela sua boca, com lábio cheio de bolhas e dentes pretos como a noite. Ele bebe o sangue ainda quente. Limpa a sua boca com o antebraço. O doutor assiste aquela cena estupefato. Tabaca, coberta de sangue, se aproxima do Doutor. Nas suas mãos, uma faca e uma garrafinha de água mineral vazia. Seu olhar é desprovido de humanidade.

— Contar a história para as vítimas aumenta a adrenalina e faz o sangue pulsar, esquentar mais rápido. Não aumenta a vitalidade, mas fica mais gostoso com o medo. —

Essas foram as últimas palavras do senhor Figo para o psicólogo, antes dele sentir a vista embaçar e o mau cheiro entranhar o ambiente.



APRESENTAMOS O
CONTO

A DAMA DO NEVOEIRO

POR ROBERTO SCHIMA

NETO DE JAPONESES, NASCIDO A 01/02/1961. AGRACIADO COM O "PRÊMIO JERÔNIMO MONTEIRO", PROMOVIDO PELA "ISAAC ASIMOV MAGAZINE" (ED. RECORD). CONTEMPLADO NOS CONCURSOS "OS VIAJANTES DO TEMPO" E "OS TRÊS MELHORES CONTOS", AMBOS PELA REVISTA DIGITAL CONEXÃO LITERATURA, COM A QUAL COLABORA DESDE O Nº 37. ESCREVEU: "LIMBOGRAPHIA", "SOB AS FOLHAS DO OCASO", "CINZA NO CÉU", "ERA UMA VEZ UM OUTONO" ETC. O CONTO "AO TEU DISPOR" FOI PREMIADO NA ANTOLOGIA "CROCITAR DE LENORE" (ED. MORSE). INFORMAÇÕES: GOOGLE.
CONTATO: RSCHIMA@BOL.COM.BR.

Havia uma densa floresta impregnada de mistério. Ela existia na metade de uma cadeia de montanhas azuladas. Inspirava supersticiosos, poetas, amantes, valentes e contadores de histórias.

Dela, dizia-se que o nevoeiro se originava e, de suas encostas, esparramava-se por todo o vale e mais além numa cachoeira diáfana.

— Sua matéria são os sonhos — dizia o meu tio, enquanto puxava um trago do cigarro. — Sonhos...

— Como assim?

— Quem a vê, nunca mais esquece — falou, olhar perdido. — Acompanhá-lo-á para sempre.

— Vê quem, tio? Quem irá acompanhar?

E ele apenas sorriu, sem desviar a vista dos picos distantes. Seus lábios entreabertos puseram-se a soprar a fumaça do cigarro lentamente, numa neblina fingida.

Outros discordariam, afirmando ser a sua constituição, em realidade, feita de pesadelos, pois atribuíam à bruma propriedades de vida própria, emanções sombrias, uma vontade funesta capaz de aterrorizar a alma dos mais corajosos.

A floresta prosseguia em sua base e ao redor do rio mais abaixo, porém, a vegetação do vale diferia substancialmente daquela. Plantas diferentes adaptavam-se a diferentes condições em razão da altitude, da temperatura, da umidade e do solo, porém, para aqueles que acreditavam que o sobrenatural governava seu mundo e suas vidas, existiam razões outras pinceladas de mistério.

A cadeia montanhosa evocava em alguns a crista de um dragão adormecido e, por isso, todo o lugar era chamado de "O Dragão Adormecido". Esse nome inspirava um temor respeitoso nos mais velhos e um fascínio imprudente nos mais jovens.

Naquela altitude em particular, de onde acreditava-se ser a nascente da bruma, a floresta mantinha o seu próprio clima, seus ruídos, seus odores e sua personalidade, independentemente das estações do ano. Embrenhar-se através dela era bastante difícil. O terreno íngreme e úmido somado à densa vegetação e o frio penetrante formavam uma barreira formidável.

Mas sempre existiram aqueles que se dispunham a aceitar o desafio, especialmente os que se achavam ter muito a dizer e, porém, muito pouco a pensar.

Eu fui um desses ousados aventureiros. Todavia, nada de ousado havia em mim, tampouco aventureiro.

Era franzino.

Era muito medroso.

Era tão somente um ninguém.

Estava somente no lugar certo e na hora certa, diriam.

De meu humilde ponto de vista, foi exatamente o contrário...

O cenário estava pincelado pela melancolia do Outono.

A tarde caía rapidamente e um nevoeiro sinistro viera do alto d'O Dragão Adormecido tão logo o Sol pusera-se a despencar. Abatera-se feito uma cascata de nuvens sobre a mata fechada do vale, acentuando o sentimento de irreabilidade, torpor e — por que não dizer? — medo.

Eu sentia o cheiro da folhagem fresca misturada à matéria vegetal em decomposição. O odor em si não me era desagradável, pois estava habituado a ele das várias pescarias que fizera a beira do rio desde a infância. Pelo contrário, isso evocava em mim agradáveis recordações. A umidade pairava no ar: uma atmosfera fria, densa e pegajosa a rodear-me como se eu estivesse no interior de uma concha gigantesca, um mundo diferente do campo ao qual deixara fazia algumas horas.

A princípio, podia ouvir o rio gargarejar entre as rochas, a agitação de pássaros, o zumbir de insetos ou a ramagem açoitada pelo vento. Agora, porém, tudo estava quieto num suspense de respiração presa. Sequer um grilo ou uma rã fazia notar sua presença. Sentia-me só, tão só quanto deveria ter sentido a primeira criatura a nascer sobre a Terra e aperceber-se do mundo a sua volta. Medroso também.

A luminosidade fugia por entre a copa das árvores.

A névoa esbranquiçada esgueirava-se por entre os troncos retorcidos, fazendo brilhar o musgo e os arbustos.

"Por que fui me meter no interior da mata?", perguntei-me pela enésima vez.

— Você não tem culhões! — falaram alguns amigos.

— Tenho sim — retrucara, fazendo um gesto obscuro de quem segurava as bolas.

— Não é isso, besta. É coragem... Coragem!

— Coragem de quê?

— De ir até lá — apontaram.

A floresta do nevoeiro.

Eu era apenas um rapazola, e rapazolas faziam coisas impulsivas, desmioladas e estúpidas desde que o mundo era mundo, só para tentarem provar alguma coisa aos outros ou a si próprios, nem que isso fosse para demonstrar a própria idiotice. No meu caso, eu deveria apanhar um mineral que era abundante na floresta, a fim de provar que estivera de fato no lugar.

Um teste de coragem.

Um teste de burrice...

... e assinei embaixo.

Agora, lá estava eu, perdido, o dia fugindo, a noite chegando e, em minha mente, só conseguia pensar nas histórias sobre animais selvagens, barulhos assustadores e, relutava em admitir, assombrações.

— Tonto! Tonto! — repreendi-me.

Não saberia precisar ao certo quando fui acometido pela sensação de estar sendo observado. Foi como uma coceira atrás da orelha, um arrepio descendo pela nuca até os braços e as pernas, um desconforto de quem estava sendo flagrado nu em local público. E era estranho porque a floresta continuava tão silenciosa quanto no princípio da tarde.

Pensei no Dragão... Teria acordado?

De início, ela parecia-se apenas mais uma sombra entre tantas a confundir-se no nevoeiro. Vinha de longe — tão distante quanto podiam ser as coisas dentro da mata — e, lentamente, condensou-se, mas sem chegar a ter um delineado definido, sempre como uma imagem de sonho pouco antes do despertar. Poderia também ser uma miragem, contudo, nesse caso, eu estaria chutando, pois nunca vira uma na vida.

Tampouco saberia definir quando exatamente julguei tratar-se de uma mulher. Não havia como saber. Eu percebia uma longa mancha escura a qual assemelhava-se aos cabelos e, abaixo, um cinza claro que bem poderia ser um vestido leve e comprido, mesclando-se à neblina. Obviamente, não se tratava de uma mulher qualquer. Se eu tinha bebido além da conta? Não, nunca consumi álcool. Entorpecentes? Muito menos. Esquizofrenia? Quem sabe. Seria mais fácil atribuir formas às nuvens. Se tive medo? Ah, sim... E como sim! Perdi feio a aposta e mais ainda, porque estava congelado de pavor. Eu lá queria saber de mineral? As pernas não obedeceram. Meu corpo tremia todo e não

era somente do frio. Também percebi — acima do odor da madeira e terra molhada —, um leve perfume adocicado, semelhante ao de damas-da-noite em plena floração. Só que não era o caso, pois elas não cresciam àquela altura. O aroma vinha *dela*.

Numa mescla de sentimentos, conclui ser um espectro feminino e pronto.

Ademais, que homem usaria um perfume daquele?

Pensando bem... quê fantasma o faria?

A figura já estava a uns vinte metros de mim quando, de repente, parou. Ficou lá, estática, somente seus contornos sem definição a balouçar em compasso ao avançar da neblina. Então, deu-me a impressão de perder a nitidez pouco a pouco até quase suas matizes fundirem-se à bruma.

Eu não conseguia sussurrar, falar ou gritar. Eu estava apavorado demais por tudo aquilo e receava assustar-me mais ainda ao som de minha própria voz. Quando, finalmente, consegui me mexer. Pus-me a seguir na direção em que ela se encontrava. Difícil de engolir, não é? Eu sei. Tampouco eu acreditaria em tal balela. Não me perguntem por quê. Aconteceu! Simplesmente, as pernas seguiram para lá por mais que o cérebro desejasse correr no sentido oposto. Fui arrastado! As desgraçadas ficaram dotadas de vontade própria e seguiam adiante, uma após a outra, passo a passo.

Não sei quanto tempo levou, e, muito menos, onde estava. O relógio, assim como o clima, era peculiar dentro daquela mata fechada e, mais ainda, na tarde que morria. Arrastava-se feito o Outono no terreno umedecido, por entre o tapete de musgos, fragmentos de galhos mortos e folhas caídas.

Podia ouvir meu caminhar vacilante afrontar aquele silêncio dos mortos. Eu era tão sutil quanto um rinoceronte numa loja de louças e cristais. Mantinha o olhar preso à pequena figura misteriosa, cada vez mais distante ou mais diluída. Eu suava e tremia. Tremia e suava. Só queria sumir daquele lugar.

Por fim, distingi adiante uma abertura entre as árvores: uma clareira!

Nesse instante, como num truque de mágica, reassumi o controle dos pés. Não pensei duas vezes e corri feito um desesperado que era. Corri, corri e corri como jamais o fizera em toda a vida. Alcancei a clareira. Senti-me inundado pelo alívio, respiração ofegante, tudo sujo, suado e amedrontado.

O campo, afinal.

Fitei o céu.

Não era tão tarde quanto supunha. Ainda havia resquícios de claridade. A escuridão da floresta me enganara.

Então, dei-me conta da estranha mulher. Relutante, virei o rosto para trás.

Ela havia desaparecido. Seu perfume ainda pairava no ar.

Fiquei intrigado.

Não haveria como ela ter sumido. Apesar da névoa varrer a relva, era mais tênue do que no interior da floresta. Levaria tempo até uma pessoa fundir-se a ela na distância. Na margem da floresta, continuava densa. A única passagem era aquela por onde eu saíra.

Não refleti sobre isso muito tempo. Eu só queria voltar à casa do sítio, onde viera passar as férias escolares com meus tios. Corri novamente, da forma que podia, até avistar a luz da casa...

... Salvo enfim!

Em vez de preocupar-se pelo meu estado, meu tio, sentado no alpendre, perscrutou-me por um tempo, meneou a cabeça e expeliu uma longa baforada de seu cigarro.

Muitos anos se passaram.

Quando retornei ao sítio, já era um homem de meia idade.

Meus tios tinham falecido havia vários anos e uns primos tocavam o sítio adiante.

Um dia, um antigo conhecido reconheceu-me e após os abraços e conversas sobre o que cada um tinha feito da vida, propôs-me a ir até a floresta.

Aquela floresta.

Hesitei.

— Vamos, não tenha medo! — provocou-me como, no passado, os rapazes fizeram.

O moço tolo e impulsivo que ainda vivia dentro de mim estufou o peito e, no alto de sua presunçosa maturidade, pôs-se a frente, ares ofendido.

— Vamos lá!

Coincidência ou não, era Outono outra vez.

Dei-me conta de minha burrada somente quando dava os primeiros passos no interior da floresta em meio ao Dragão Adormecido.

Entretanto, algo mudara.

A floresta não me pareceu tão misteriosa e assustadora. Sim, ainda era fechada, escura e cheirava a madeira apodrecida. Não obstante, havia algo de diferente nela. Não me dei conta a princípio. Então, eu percebi.

A neblina!

Embora fosse tarde e a friagem caísse sobre nós qual orvalho, não havia mais a bruma a verter de lá do alto.

— A Dama do Nevoeiro foi embora — disse meu conhecido.

Sobressaltei-me.

— Como assim?

Ele limitou-se a dar de ombros. Resmungou:

— Só histórias...

Recordei-me da estranha figura de minha juventude ou do que restara de lembrança para recordar. Cheguei a perguntar-me se aquilo teria de fato ocorrido.

Agora, não havia mulher, não havia perfume, não havia nevoeiro, não havia o medo de encontrar-me só e desamparado, sem o controle das pernas.

Conclui que eu havia crescido e que tudo não passara de minha imaginação, além de um tremendo golpe de sorte por haver encontrado o caminho de volta.

Fosse como fosse, ao retornar com o meu conhecido, resisti a tentação de voltar a cabeça em direção à floresta pela última vez.

Só de volta à casa do sítio, pensei comigo naquela noite, naquela outra noite distante no tempo.

Eu caminhara feito ébrio sem o menor cuidado, pisoteando as folhas e galhos no caminho, quebrando o silêncio sem maior cerimônia. Aliás, não havia como andar por ali sem fazer barulho. Entretanto, a sombra em forma de mulher não fizera ruído algum ao caminhar. Era como se flutuasse na neblina, fizesse parte dela. Ou seria ela a responsável pela bruma? Acabei por concluir que ela surgira para me salvar, pois poderia ter-me perdido no interior da mata para nunca mais ser encontrado. Ela o fez, não fez? Forçou meus pés a alcançarem a clareira, a saída. Depois, libertou-me. Era a Dama do Nevoeiro, a Dama do Outono, daquele Outono especial. E nunca mais retornou.

Ainda reflito sobre aquele episódio ao caminhar pela cidade onde moro, principalmente quando as pálidas flores das damas-da-noite a enfeitar as calçadas se abrem convidativas e o perfume inunda todo o ar, trazendo ecos do passado.

Meu tio tinha razão: quem a viu, nunca mais se esqueceu. Sua lembrança acompanhar-me-á para sempre por mais que eu não tivesse visto o seu rosto.

Penso no susto.

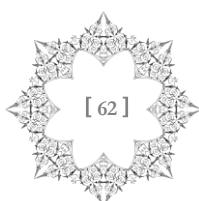
Penso nos mistérios.

Penso no nevoeiro que, a exemplo dos sonhos, evanesceram ao raiar da aurora.

NOTA DO AUTOR:

O presente conto foi originalmente publicado no volume 3 da série "Mundos Fantásticos", organizado por Lu Evans sob o Selo Nebula, 2020.

https://www.amazon.com.br/dp/B08KH7YC9W?fbclid=IwAR27AyMPbdXT729lij_owqXfcu-6lhGUBBDi6CfO2Aj2Ycglqjk7UgmxFI



APRESENTAMOS O
CONTO

UM AMOR SOMBRIO

POR RONILSON LOPES

NASCIDO EM CAROLINA (MA), PASSOU SUA INFÂNCIA NA CIDADE DE GOIATINS NO ESTADO DO TOCANTINS. LICENCIADO EM FILOSOFIA PELO INSTITUTO SANTO TOMÁS DE AQUINO (ISTA), POSSUI PÓS-GRADUAÇÃO EM METODOLOGIA DO ENSINO DE FILOSOFIA E SOCIOLOGIA PELO CENTRO UNIVERSITÁRIO BARÃO DE MAUÁ. ATUALMENTE É PROFESSOR DE FILOSOFIA NO INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO AMAZONAS (IFAM), CAMPUS LÁBREA. É AUTOR DO LIVRO CONTOS DO MEU SERTÃO PELA EDITORA O LUTADOR, DO LIVRO DE CORDEL O FOFOQUEIRO E DE VÁRIOS OUTROS FOLHETINS DE CORDEL.
CONTATOS: LOPESPAV@YAHOO.COM.BR

Em frente a um antigo sobrado de madeira, de aspecto sombrio, em uma rua escura da periferia de Manaus, Zenir pensou que seria melhor desistir do encontro com uma mulher que até o presente momento só conhecia pela internet, muito embora já estivesse bastante envolvido por suas palavras e pelas imagens que ela lhe enviara.

Já ia dar a volta quando, de repente, o seu celular vibrou, ao chegar a mensagem dizendo para ele entrar, pois a porta estava aberta. Como a solidão e a amargura consumiam a sua alma, desde quando sua namorada morrera, ele resolveu ariscar.

A porta esbranquiçada rangeu com o toque de suas mãos pesadas e trêmulas. Seguiu pela sala escura onde havia apenas dois sofás de aspecto envelhecido e quando pisou na escadaria suja e barulhenta, pensou mais uma vez que deveria retornar, mas novamente a mensagem em seu celular dizia para subir as escadarias e entrar na primeira porta do corredor.

Tomou coragem e foi subindo as escadas devagar. As tábuas guinchavam a cada nova passada, ainda que parecesse que o coração fazia mais barulho que as precipitações da escadaria.

Um bicho esbarrou em sua cara. No susto deu um grito e correu até a porta, porém percebeu que era apenas um morcego. Avaliou novamente a situação e resolveu continuar. Mais uma vez subiu as escadas atento e assim chegou a um longo corredor com muitas portas. Entrou na primeira como indicado.

Deparou-se com um quarto espaçoso e escuro, onde havia somente uma pequena mesa com alguns objetos, entre eles um celular; uma cama grande com cobertores desbotados e sobre ela havia uma mulher extremante bela e atraente.

O coração, mais uma vez, sobressaltou. Ela tomou assunto. Riu. Depois explicou novamente que a casa era de sua família, que há muito não morava mais ali, mas que ela aproveitara para não serem incomodados por ninguém e assim se conhecerem à vontade. Assim, Zenir foi acalmando-se.

Ela era pálida e trajava roupas brancas. Possuía uma voz encorpada como gato ronronando. Tinha olhos grandes e amarelos e os seios eram salientes como duas peras, sem sutiã escapavam sobre o decote do vestido.

Ela encheu uma taça de vinho tinto e seco que havia em uma bandeja sobre um criado ao pé da cama e ofereceu-lhe, e ele tomou. A conversa era agradável e não demorou muito para que os dois se envolvessem sobre os lençóis.

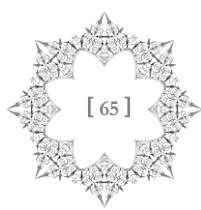
A mulher foi arrancando-lhe a roupa delicadamente e jogando em volta da cama enquanto o pulsar de Zenir precipitava de desejo, ternura e contentamento. No bolso da calça do homem, jogada ao chão, havia alguns comprimidos de escitalopram, que se esquecera de tomar.

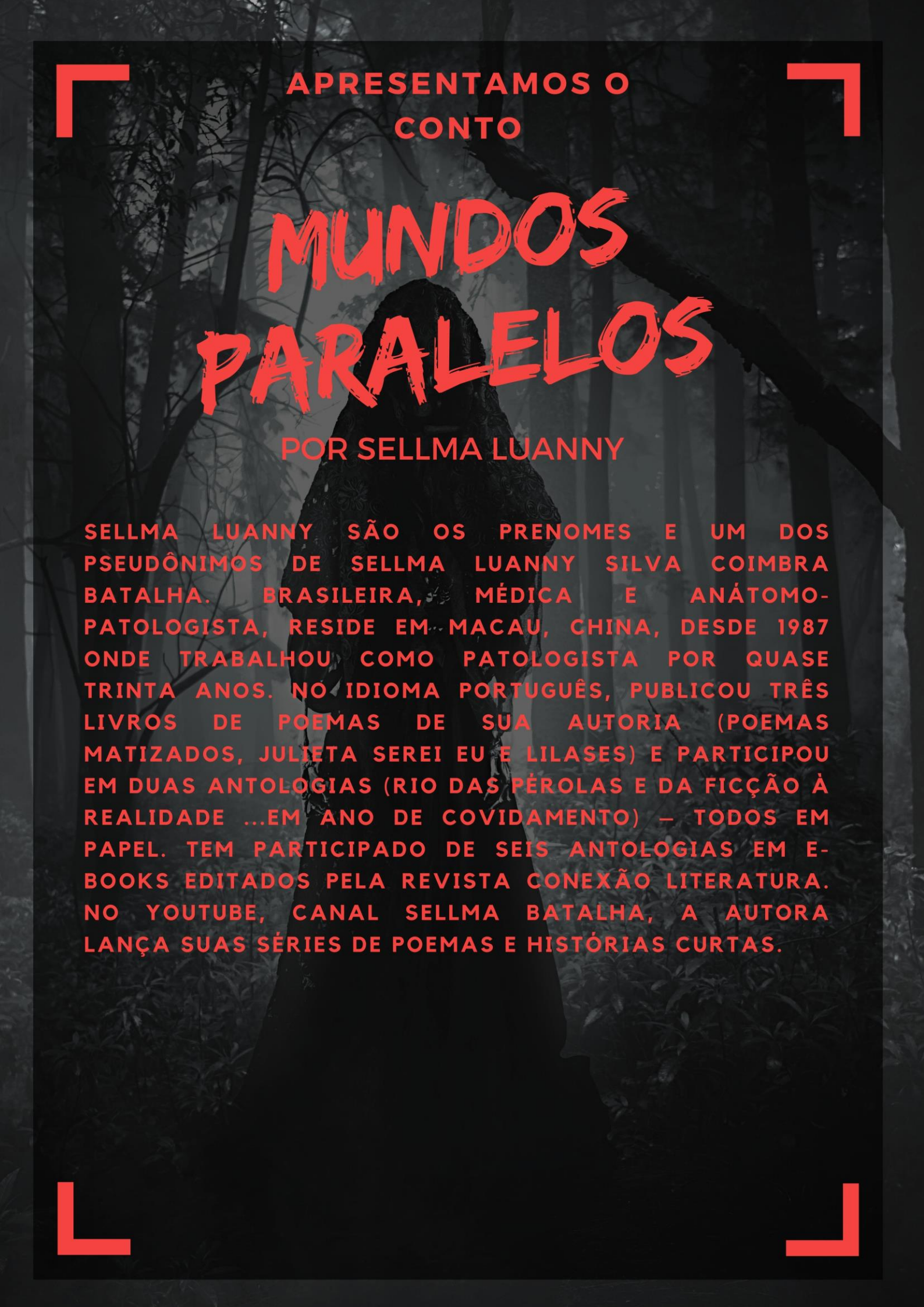
Os lábios pálidos da desconhecida causavam arrepio e satisfação naquele homem louco para matar suas carências. Ela, maliciosa e voraz sobre seu corpo o fez penetrar em sua carne fria. Cavalgando excitada, enquanto beijava insaciavelmente a sua boca.

De repente, Zenir com corpo ríspido e hidráulico após uma descarga elétrica de excitação, reabriu os olhos e percebeu sobre si um corpo derretendo-se em milhares de moscas, que lhe tomavam o corpo desde a garganta, enquanto aqueles dentes cadavéricos procuravam a sua boca para mais um beijo.

Um grito. Um safanão. Em um pulo, alcançou a porta que arrebentou. Sem roupas, atingiu a outra porta, rasgando-a ao meio com os joelhos e alcançou a rua em disparada para nunca mais.

Já distante, o coração a sair pela boca, enquanto alguns insetos ainda atravessavam suas narinas, olhou para trás e a viu de longe gritando: não me abandone, meu amor!





APRESENTAMOS O
CONTO

MUNDOS PARALELOS

POR SELMA LUANNY

SELMA LUANNY SÃO OS PRENOMES E UM DOS PSEUDÔNIMOS DE SELMA LUANNY SILVA COIMBRA BATALHA. BRASILEIRA, MÉDICA E ANATOMO-PATOLOGISTA, RESIDE EM MACAU, CHINA, DESDE 1987 ONDE TRABALHOU COMO PATOLOGISTA POR QUASE TRINTA ANOS. NO IDIOMA PORTUGUÊS, PUBLICOU TRÊS LIVROS DE POEMAS DE SUA AUTORIA (POEMAS MATIZADOS, JULIETA SEREI EU E LILASES) E PARTICIPOU EM DUAS ANTOLOGIAS (RIO DAS PÉROLAS E DA FICÇÃO À REALIDADE ...EM ANO DE COVIDAMENTO) – TODOS EM PAPEL. TEM PARTICIPADO DE SEIS ANTOLOGIAS EM E-BOOKS EDITADOS PELA REVISTA CONEXÃO LITERATURA. NO YOUTUBE, CANAL SELMA BATALHA, A AUTORA LANÇA SUAS SÉRIES DE POEMAS E HISTÓRIAS CURTAS.

Éramos um grupo grande de componentes de um coral e embarcamos num ônibus, para participarmos de um Festival de Coros.

Por ser uma longa jornada de pelo menos dois dias de viagem, no meio do caminho pernoitamos num convento antigo, cujos quartos tinham cada um, cinco a seis camas.

Adormeci como o usual para mim, facilmente. Não havia lido ou assistido nada marcante ou especial, de véspera, que me pudesse tirar ou perturbar o sono. E cansada da viagem, após um banho e uma refeição ligeira, literalmente joguei-me na cama.

Então pareceu-me que eu fora transportada para outro mundo ou dimensão... E os acontecimentos e cenários são os que se seguem... Encontrei-me subitamente numa rua deserta, um pouco escura — era noite —, ladeada por estranhas casas e edificações sem luminosidade natural ou artificial e sem qualquer aparente sinal de vida. De repente senti ou apercebi-me — não consegui distinguir naquele momento —, de uma "presença" estranha um pouco longe e atrás de mim.

Pude "entender" logo a seguir, que era algo que lembrava a forma humana mas de uma maneira muito imprecisa.

Comecei a sentir medo e tentei acelerar o meu passo. Então notei que apesar de mover os meus pés e pernas, não conseguia sair do lugar.

A distância "daquilo" para mim, não aumentava. Pelo contrário. Parecia que aquela presença se aproximava paulatinamente. E aos poucos, "aquilo" se fazia mais e mais próximo e era acompanhado de ruídos indistintos, mas assustadores.

E eu já estava a suar frio e a ficar com muito medo.

E por não conseguir definir com precisão o que era aquela presença atrás de mim nem me afastar mais, todas as possibilidades passavam pela minha mente.

Na verdade foram pensamentos "alucados" e em "flash", como o que poderia ser aquilo(?):

Um vampiro em forma de homem com dentes caninos proeminentes e pingando sangue, pronto para furar o meu pescoço e me sugar?

Ou um tipo "Frankenstein" com enorme deformidade e força assustadoras, prestes a me estrangular?

Seria um fantasma mal definido como o mostrado em livros e filmes, com face borrada e plana, olhos vazados e uma enorme boca torta e vazia?

Ou seria um Saci Pererê ou uma Mula Sem Cabeça? Figuras estas das estórias assustadoras mas longínquas que povoaram a minha infância?

E à medida que aquele ente se aproximava, eu comecei a gritar desesperadamente e em total pânico sentia-me prestes a desfalecer.

Envolvida por uma pavorosa presença que estava para me dominar, parecia aproximar-se o meu fim.

Foi então que senti algo ou alguém a me puxar pela perna. E naquele estado não conseguia esclarecer se era de dentro ou de fora do meu pavor. Mas, para imenso alívio, era uma de minhas colegas de quarto, naquele convento, a acordar-me e literalmente a salvar-me pois, tive a sensação de que se continuasse sob o efeito daquele tormento por mais alguns segundos, o meu coração não teria mais forças.

Acordei quase desfalecida e em pânico. Levei um bom tempo para recuperar o meu fôlego e a minha voz e tomar ciência da realidade de acordada. Naquela noite não mais consegui dormir. E as noites subsequentes foram de muita luta, pelo receio de cair novamente numa armadilha daquelas.

Passados vários anos daquela experiência surreal e após várias terapias para me permitir dormir em paz, comecei a interrogar o porquê de algumas pessoas morrerem enquanto dormem... Seriam mesmo vítimas de uma morte natural e pacífica?

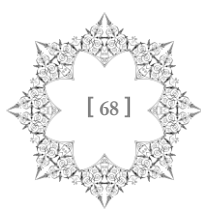
Ou seriam literalmente "puxadas" para um mundo paralelo de onde as suas mentes nunca mais regressariam? E os seus corpos inertes e sem consciência ficariam para trás, completamente sem vida?!

Seriam alguns dos possíveis mundos paralelos, mundos de eterno pavor e sofrimento? E estes mundos por acaso seriam atraídos por algum fator desconhecido, como por exemplo pela eletricidade de um vulnerável cérebro que dorme?

Haveria outros mundos paralelos com melhor acolhimento?

Dúvidas e mais dúvidas que ultrapassam o meu entendimento!

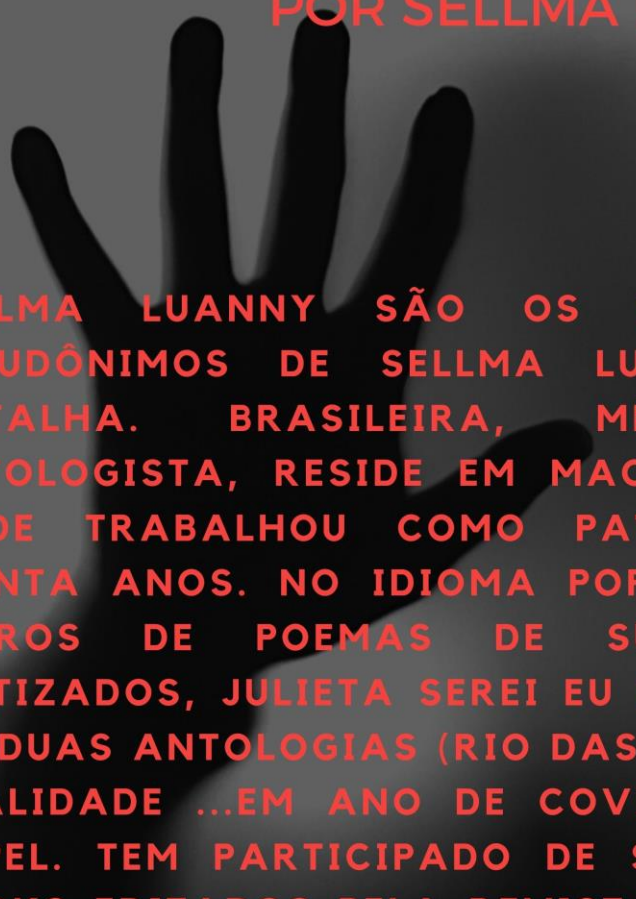
Mas, a todos o meu sincero desejo de bons sonhos (e muito cuidado com os pesadelos!!!)!



APRESENTAMOS O
POEMA

FILME DE TERROR

POR SELMA LUANNY



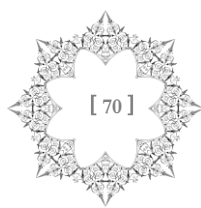
SELMA LUANNY SÃO OS PRENOMES E UM DOS PSEUDÔNIMOS DE SELMA LUANNY SILVA COIMBRA BATALHA. BRASILEIRA, MÉDICA E ANATOMO-PATOLOGISTA, RESIDE EM MACAU, CHINA, DESDE 1987 ONDE TRABALHOU COMO PATOLOGISTA POR QUASE TRINTA ANOS. NO IDIOMA PORTUGUÊS, PUBLICOU TRÊS LIVROS DE POEMAS DE SUA AUTORIA (POEMAS MATIZADOS, JULIETA SEREI EU E LILASES) E PARTICIPOU EM DUAS ANTOLOGIAS (RIO DAS PÉROLAS E DA FICÇÃO À REALIDADE ...EM ANO DE COVIDAMENTO) – TODOS EM PAPEL. TEM PARTICIPADO DE SEIS ANTOLOGIAS EM E-BOOKS EDITADOS PELA REVISTA CONEXÃO LITERATURA. NO YOUTUBE, CANAL SELMA BATALHA, A AUTORA LANÇA SUAS SÉRIES DE POEMAS E HISTÓRIAS CURTAS.

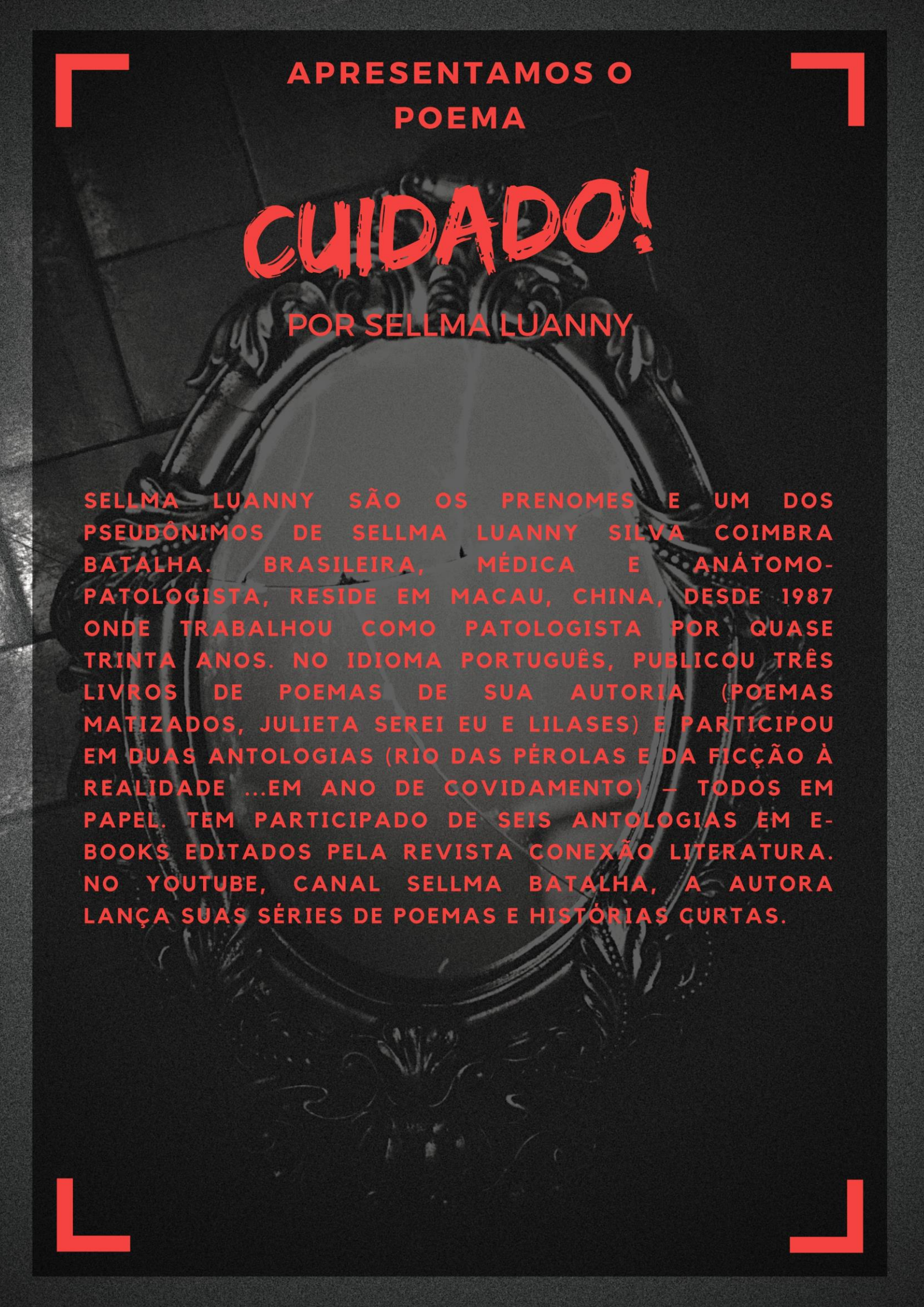
O planeta, pelas feridas
que não param de sangrar
e cujas curas não se divisa,
como um mutilado gigante,
a agonizar se encontra.

E um silencioso e diminuto
agente... da Natureza - presume-se -
aparece... e pela sua também casa...
defensor e agressor se comporta...
contra a humanidade... entende-se!

Fora de controle este ente...
E um tanto perdido e sem rumo
o humano mundo.
A humanidade, culpada e ferida
mesmo abalada... agora se arrasta.

E tudo... de um filme de terror
a forma parece tomar...
O que a todos assusta e arrepia...
aparentemente a um fim,
muito longe ainda, de chegar.





APRESENTAMOS O
POEMA

CUIDADO!

POR SELLMA LUANNY

SELLMA LUANNY SÃO OS PRENOMES E UM DOS PSEUDÔNIMOS DE SELLMA LUANNY SILVA COIMBRA BATALHA. BRASILEIRA, MÉDICA E ANÁTOMO-PATOLOGISTA, RESIDE EM MACAU, CHINA, DESDE 1987 ONDE TRABALHOU COMO PATOLOGISTA POR QUASE TRINTA ANOS. NO IDIOMA PORTUGUÊS, PUBLICOU TRÊS LIVROS DE POEMAS DE SUA AUTORIA (POEMAS MATIZADOS, JULIETA SEREI EU E LILASES) E PARTICIPOU EM DUAS ANTOLOGIAS (RIO DAS PÉROLAS E DA FICÇÃO À REALIDADE ...EM ANO DE COVIDAMENTO) – TODOS EM PAPEL. TEM PARTICIPADO DE SEIS ANTOLOGIAS EM E-BOOKS EDITADOS PELA REVISTA CONEXÃO LITERATURA. NO YOUTUBE, CANAL SELLMA BATALHA, A AUTORA LANÇA SUAS SÉRIES DE POEMAS E HISTÓRIAS CURTAS.

Renascido Narciso.
Como "lobo mau", não vem.
Mas como um cordeiro...
Irresistível... ele surge.
Gentil, meigo, faceiro.

Dissimulado Narciso.
Máscaras, fantasias
e mil artimanhas...
A dançar ele chega
e te envolve... medonha teia!

Atraente Narciso.
Encantador, muitas vezes!
Fascina-te e carrega-te
nos seus braços que fecham...
e não mais se abrem...

Narciso... um perigo!
Ele "não mente"... ele "interpreta".
Ele não cede... ele convence.
Reconhece-o... para o teu bem...
E foge... e foge... para longe dele!

Narciso não te ama!
Somente a si... a si, apenas...
e ao espelho que o reflete.
Não te iludas... não te compunjas!...
Dele afasta... enquanto podes!



APRESENTAMOS O
POEMA

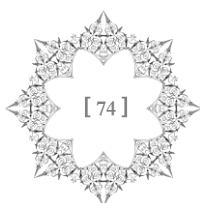
TROFÉU CARMIM

POR WANDA ROP

WANDA ROP, PAULISTA, RESIDENTE EM PORTO VELHO-RO, POETISA, ANTOLOGISTA, FILÓSOFA, CURSANDO ÚLTIMO PERÍODO DE HISTÓRIA, PÓS-GRADUADA EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS, DOCÊNCIA DO ENSINO SUP/NEUROPSICOLOGIA; MAJOR PMRO, FORMADA EM SEGURANÇA PÚBLICA NA ACADEMIA DA PMBA. AUTORA DOS LIVROS: "TEMPO DE AMAR", "DESEJOS DO CORAÇÃO", "PAIXÕES E POEMAS DE UMA MULHER INTENSA" E "MINHA INFÂNCIA EM POESIA".

A noite assustadora e muito fria
Odor repugnante a linda moça sentia
Terror no retorno para casa
Arrepios intensos na pele alva
Em alerta todo os seus sentidos
Os galhos das árvores pareciam ter olhos
Observando-a em sinistros movimentos
Ruídos...acelerar de passos
Coração em ritmo enlouquecido
Medo e aflição
Uma garra afiada, ávida pelo licor carmim
Toca no frágil braço

Um grito angustiante, um vazio
O sangue da bela mulher, esvai
O monstro a suga
Veias drenadas
O olhar que era lindo só revela o horror
Possessão mortal
Corpo frágil, antes tão belo
Rasgado cruelmente, jorrar de sangue
A cabeça degolada, algoz vitorioso
A conquista de um troféu carmim



APRESENTAMOS O
CONTO

TECNOLOGIA, CORPOS, CONSCIÊNCIAS E ALMAS

POR WILLIAM F. EUGÊNIO

WILLIAM F. EUGÊNIO É ESTUDANTE DE BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. INTERESSA-SE PELOS ASSUNTOS DE CULTURAS ALTERNATIVAS, BIOLOGIA, CINEMA, MATÉRIAS DA GRADUAÇÃO, PSICOLOGIA, QUADRINHOS, RODOVIAS E SERIADOS. OBSERVA O REAL MUNDO CONTEMPORÂNEO. PERCEBE A REALIDADE E TECNOLOGIA DIRETAMENTE INTERLIGADAS. INTERESSA-SE POR VIAGENS, BASQUETE E FAZ SUA PARTE NA SOCIEDADE, SENDO DOADOR DE SANGUE. ESCREVEU O CONTO PARA POTENCIALIZAR ALGUMAS IDEIAS. E NO FUNDO DO CORAÇÃO, ESPERA QUE TENHA SIDO TRANSMITIDA DE FORMA DIRETA E EFICAZ.

Ano 2245. BR-116 Presidente Dutra a leste. Km 203. Rodovia dos Tropeiros a noroeste. Cenário de aventuras, caminhada, rapel e tirolesa. Vento gradual e constante. Domingo às 15hs. Colinas arborizadas. Alta vegetação. Temperatura de 35 graus. Nuvens pesadas de chuva, no ambiente. Pequenos lagartos alimentam-se de formigas, diante ao mato alto do lado direito. Se assustam, e somem dentre galhos e folhas. Devido ao zunido elétrico gerado pelas carretas semirreboque bitrem, a 180km/h utilizando a rede de levitação eletromagnética. Sistema implantado a quase oito décadas. Silêncio temporário.

Em seguida, um veículo com tecnologia antigravitacional segue em média velocidade. Traçam um retorno. Estaciona rapidamente. Localiza-se agora, a frente de galpões antigos LogSKY. Cenário de puro e gradual abandono. Observamos ninhos de aves. Gatos abandonados. Filhotes de pequeninos cachorros. Embalagens usadas. Bitucas de cigarros. Lixo decompondo-se. Entulhos e muita sujeira. Grafites. Pixações. Seringas velhas. Portões e gradil ao entorno corroído pela ferrugem. O veículo de cor laranja abre as portas laterais. Max, 30 anos, negro e careca, veste uma boina 8 gomos, oficial de uma marca NFT, destaca-se pelo estilo todo branco, devido a ser médico cirúrgico. Smartglass na mochila. Retira uma espada “wakizashi” do painel, e do bolso seu smartphone, digita a senha, e o portão abre. Ana retoca a maquiagem.

— Estamos no local; — e continua, — Única maneira de sair do radar!

Ana é loira, 25 anos, médica residente, cabelo curto, veste um conjunto legging vermelho vinho, smartglass transparente, tira os brincos, observa câmeras e exclama:

— “Bora” Max! — Missão importante! —, ambos entram no perímetro.

A dupla segue corredores infectos. Poças em odores intensos e diversos. Terceiro corredor. Encontram “Luna”. Ela jamais mostra o seu rosto. Usa uma máscara Hannya. Significado de “sabedoria”, em muitas culturas. “Luna”, é bilionária na WEB. Ações em bitcoins, centenas de aplicações blockchain. Sua missão, imersão ao Metaverso 6.3.

Neste ambiente é utilizado o recente “Argonex”, um derivado líquido criogênico. Envolvendo processos: Químicos e Biotecnológicos. Altíssimo grau de pureza. Injetados no corpo humano. A reação da substância, produz ao corpo de forma espectral, diáfano, incorpórea em algumas vezes, forma semitransparente, pele e ossos translúcidos, onde a

massa encefálica destaca-se pela gramatura de cores variáveis: Azul Capri, Celeste, Cobalto e Royal. Este é o único meio para acessar o Metaverso 6.3 em sua “raiz”.

Os três acessam diversos corredores. “Luna” averigua a digital. Os três entram em um local altamente tecnológico, com diversas telas. O chão de mármore branco liso. Duas cadeiras circulares constituídas em material polímero termoplástico. A cor predominante era a branca, o assento com estofado em tecido camurça “nobuck”. Em suas subdivisões com 2 mm de espessura, fissuras retangulares, para melhor ergonomia. Na diagonal, na estrutura uma tela de 32 polegadas. Cinco compartimentos, abaixo do assento, dois no lado direito, dois cilindros “Argonex”, e três divisões do lado esquerdo com apetrechos necessários para imersão. Em seu interior, iluminação direcionada neon bifocal interna.

Max coloca as luvas. Ana está pronta. A dupla posiciona-se no ponto de embarque. “Luna” conecta todos os transmissores em ambos. A missão consiste em libertar uma prisioneira. “Lutz” presa a 2 anos. Seu corpo está fixo, na “Acrópole3”. Setor de galpões “Shed” na Rodovia Marechal Rondon SP-300. Mais de 6.022 m², em alta segurança. 24 horas. Local com drones. Sensores de movimento. Há mais de três décadas, centenas de pessoas são “ancoradas”. Cada indivíduo, é envelopado no invólucro de sobrevivência humana. Todos numerados, organizados e catalogados. Exilados políticos em sua grande maioria. Sobrevivem com sondas onde alimentam-se e são retiradas toxinas. Mas apenas seu corpo está neste local. Consciência ou “alma” esta alocada na “BrainCloud”. Método moderno, e cruel de reter toda e qualquer manifestação contra o sistema. Pessoas a prol da sociedade justa, democrática e igualitária. Geralmente o invólucro produz sensação de asfixia. Corpos “ancorados” tem forma sombria, com a boca aberta, braços em paralelo, mãos abertas, busca saída, luta pelo último segundo de liberdade, mas sempre em vão. “Luna” finaliza os dados para imersão. Max e Ana inserem as sondas nos braços, abdômen e pernas. Conectam os três sensores mioneurais. Parte posterior da nuca. Todos “imersos” tem esta “porta” serial ligado ao cérebro. Máscara de oxigênio na face. Em um processo conceitual de doação de sangue, “Luna” libera o líquido “Argonex”. A dupla adormece. Ela insere os códigos de acesso ao Metaverso 6.3. Conectados aos sensores, telas observam os batimentos cardíacos, sai do ponto de embarque. “Luna” retira-se. Seu tempo segue em alimentar os animais abandonados, com rações ao redor do LogSKY.

Max e Ana, são agregados ao sistema. Pulsação do corpo diminui. 32 bpm. Ambas as “consciências” foram transportadas. Abrem os olhos. Como sempre, um local branco. Um local iluminado, mesmo sem luzes. Um local para acesso. Denominado “blank”. Max, fala rapidamente dois comandos. Olhou para Ana, e pega na mão dela na sequência:

— Vamos para “šurpu”! — e continua, — Desta vez, vai dar certo!

Ana indignada: — Odeio “šurpu”; — Que merd..., — Putz!

Em segundos, ambos foram para o submundo digital. Nada de luz. Uma escuridão total. Max e Ana conseguem se observar neste vazio, com auxílio de luzes auxiliares em seus trajes compostos por micropontos, que iluminam todos os trajes. Um vazio dentro da matéria SU(N), entre o tempo e espaço, “šurpu” no Metaverso, segue como foi no período mesopotâmico. Um local para que o prisioneiro pense em todos seus pecados, no frio e vazio absoluto, quando o indivíduo em um ato poderia ter ofendido os deuses. Neste caso, o sistema político-econômico como um todo. Novas ideias devem ser presas.

Criada em 2158, “šurpu”, localiza-se no centro de Genebra. Abaixo de 8 andares no Escritório das Nações Unidas. Um enorme “datacenter” a prova de falhas, com servidores quânticos, formados pelo puro itérbio que são 3 bilhões de vezes mais frios que o espaço profundo. Max gera um veículo padrão para deslocar-se para o resgate, em uma das incontáveis prisões dentro deste “ártico digital”. Após cinco minutos, conseguem ver iluminação. A primeira fonte de luz vem da “Orbital 16.78”. Um conceito parecido como de uma Estação Espacial. Contém cinco andares, 420 m², contornado por simetrias visuais, chão e paredes espelhados. Em vidro temperado com 220 mm de espessura. A cada nível deste local, nas superfícies destes espelhos existem símbolos. De proteção, rituais, sigilos, esotéricos e muitos outros. Ambos observam estas marcas e “tags” de gangues digitais pelas paredes deste local, destruído em diversas áreas. Inserem a digital na tela. Acessam o corredor principal da “Orbital 16.78”, inóspito, sujo e abandonado pelo tempo. Um visual de terror, onde é possível escutar sussurros, gritos, pedidos de ajuda de almas perdidas. Um corredor escuro. Luzes acendem e apagam em segundos. É possível escutar partículas vibratórias. A cada passo de ambos na superfície da nave. Ana vê almas digitais em decomposição, e seres como “unibytes”, alimentando-se de matéria digital decomposta, com cheiro de apodrecimento. Max explica sobre o cheiro e sobre o frio absoluto. A “física” abaixo de zero intercala-se com a mecânica quântica, e as

possibilidades são infinitas. Ele é interrompido. Sinal do smartglass. Localização da prisioneira ativado. Max exclama:

— Ana! Ela está aqui “do lado”! — e neste instante de segundo foi atingido.

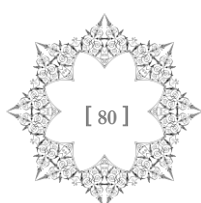
Max leva um golpe pelas costas. Seu adversário era gigantesco. O guardião da “Orbital 16.78”, tem forma humanoide, super magro, dois metros e meio de altura, quatro braços cortantes, duas pernas, e duas caixas cranianas. Aparecendo a cada movimento os tecidos, artérias e os ossos. Seu corpo recoberto por espinhos. Advindos do exoesqueleto. Existem também dois crânios. O primeiro na parte superior, e a segundo na região pélvica. Os olhos reluzem densidade espectral. Não usa roupa. O corpo nu adquiriu maneiras de sobreviver a radiação, fome, frio e aos seres “unibytes”, e por isso tem cor de vermelho escarlate. A caixa torácica, expõe as 12 vértebras, e articulações da região costovertebral, costelas, membranas e cartilagens. A cada passo deste ser, no espaço da caixa torácica, visualizamos almas tentando se desvincular. É perceptível aos olhos o choro, desespero das “consciências” pedindo socorro. Esticam os braços e gritam. Em busca de ajuda. Engolidas, por um vórtex neural. A cada tentativa destas almas, alças como tentáculos envolvem as bocas destes espíritos. E retornam em fração de segundos a caixa torácica semitranslúcida. Uma sensação claustrofóbica impressionante.

Neste meio tempo, Ana agiu rapidamente e consegue retirar a prisioneira “Lutz”. Max levanta-se. Rapidamente retira das costas, a espada “wakizashi”, e desfere um único golpe no crânio. Ele espera que os símbolos da espada, reajam em contato com este ser de outra dimensão. Parte da magia desta espada, é aniquilar o corpo desta anomalia. A cada símbolo, o ser contorcia-se na superfície infectante. Tentando arrancar a espada de seu crânio superior, mas sem sucesso. E no último símbolo, inscrita na espada, a anomalia despedaçou-se, e as “almas digitais” ou “consciências virtuais” foram soltas. A maioria sumiu instantaneamente. Retornam aos seus corpos. Com diversos cortes e machucados.

— Max! Missão Cumprida! —, exclama Ana, auxiliando “Lutz” a ficar de pé.

— Fechou! “Estouro”! —, Max entra em contato com “Luna”. Recolhe a sua espada “wakizashi”, no chão. Guarda na bainha. Neste instante, todos foram enviados para seus corpos. Mas “Orbital 16.78”, ainda contém mais de 35 prisioneiros. Cada qual com seu corpo humano na “Acrópole3”. “Luna” intercedeu para a imersão reversa, ao nosso mundo real. Equipes de resgate, foram buscar a recém libertada. É necessária uma revisão nas prisões criadas no Metaverso 6.3. Um novo ataque, para um novo sistema, será liderado

por “Luna”, Max e Ana e a diplomata “Lutz”. Um novo mundo digital. Livre e digno a todos os indivíduos. A todos os corpos, consciências e almas. Em qualquer lugar, seja assim online ou offline.



CONHEÇA OUTROS
TÍTULOS DA COLEÇÃO

SELO CONEXÃO LITERATURA



TENHA ACESSO AOS TÍTULOS
DA COLEÇÃO: **CLIQUE AQUI**

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA

SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA

INSCREVA-SE: WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD

E-MAIL: ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: **CLIQUE AQUI**